Dmitri
VOLKOGÓNOV

Perigo mítico e ameaça real à paz

Dmitri VOLKOGÓNOV

Perigo mítico e ameaça real à paz

Edições da Agência
de Imprensa Nóvosti
Moscovo, 1982

Дмитрий Антонович Волкогонов
МИФИЧЕСКАЯ ОПАСНОСТЬ
И РЕАЛЬНАЯ УГРОЗА МИРУ
на португальском языке
Цена 45 коп..

3203010000

© Edições da Agência de Imprensa Nóvosti, 1982

Nos anos 70, as forças progressistas de todo o mundo conseguiram orientar o desenvolvimento das relações internacionais pela via da distensão, enfraquecer a confrontação bélica e favorecer o necessário diálogo entre Estados com diferentes sistemas sociais. Nesses anos, reforçou-se a confiança entre os países e povos, alargou-se o comércio e desenvolveu-se o intercâmbio cultural. Milhões de pessoas passaram a encarar o futuro com maior esperança. Esse optimismo tornou-se ainda mais fundamentado depois de os representantes de 33 países europeus, assim como dos EUA e do Canadá assinarem, em 1975, a Acta Final da Conferência de Helsínquia sobre segurança e cooperação na Europa.

Contudo, no limiar dos anos 80, operou-se na política de alguns países da NATO uma brusca viragem. Nos escalões superiores do poder desses Estados, tornaram a vir ao de cima aquelas forças que se acostumaram a olhar para o mundo somente através da mira das armas. Em Maio de 1978, o Conselho da NATO decidiu-se por um elevado aumento anual dos orçamentos militares dos países do Bloco do Atlântico Norte. Essa decisão foi adoptada precisamente na altura em que na ONU se debatiam medidas para a contenção da

corrida aos armamentos, de acordo com proposta apresentada pela União Soviética.

Em Dezembro de 1979, os EUA conseguiram fazer aprovar pela NATO a instalação, no território europeu, de novos mísseis de alcance médio. A nova administração americana refutou de facto o Acordo sobre limitação dos armamentos estratégicos ofensivos SALT-2, já assinado. Da Casa Branca começaram a chover ameaças, declarações belicosas. O chefe do departamento de política externa dos EUA afirmou publicamente que «há coisas mais importantes do que a paz». Teve-se o desplante de afirmar isto quando se sabe muito bem que, hoje em dia, os meios de extermínio massivo acumulados são em tão grande quantidade, que mesmo a sua utilização parcial poria inevitavelmente em perigo a própria existência da civilização humana. Por detrás de tais afirmações perfila-se a velha política de posições de força, de equilíbrio à beira da guerra, o desejo de certos estadistas ocidentais alcançarem o domínio mundial.

Os dirigentes do Bloco do Atlântico Norte tomaram abertamente o rumo da violação do equilíbrio de forças militares actualmente existente, tentando obter uma mudança a seu favor. Servem esses objectivos os numerosos programas militaristas, criados nas margens do Potomac. Para fundamentar, para justificar aos olhos da opinião pública a corrida aos armamentos, exagera-se continuamente a mais importante e velha lenda da propaganda burguesa — a lenda da «ameaça militar soviética».

A URSS e os países da comunidade socialista apresentam continuamente propostas concretas, voltadas para a preservação e o reforço da paz na Terra. Os congressos do Partido Comunista da União Soviética apresentam invariavelmente orientações programáticas que visam, todas elas, um grande objectivo — conservar a paz entre os povos e os Estados. O Apelo do XXVI Congresso (Fevereiro-Março de 1981), dirigido a todos os habitantes do nosso planeta:

«...fazer todo o possível para livrar os povos da ameaça de guerra nuclear, para conservar a paz na Terra» —

exprimiu a essência do Programa de Paz soviético.

A QUEM APROVEITA A LENDA DA «AMEAÇA MILITAR SOVIÉTICA»?

Se nos debruçarmos sobre a essência das múltiplas campanhas políticas, da «guerra psicológica» que conduzem contra as forças do socialismo os ideólogos ocidentais, não é difícil constatar que a manutenção na consciência social dos países não socialistas da arreigada noção de «agressão comunista», intervém na qualidade de sustentáculo de toda a propaganda burguesa. Qualquer medida que favoreça a corrida aos armamentos tem uma justificação constante e cómoda: o crescimento ou, pelo menos, a existência de uma «ameaça militar soviética».

«Argumentos» de uma velha lenda

Os meios de comunicação social burgueses tentam convencer diariamente e a toda a hora os seus leitores, espectadores e ouvintes de que a ameaça soviética de facto existe. Aduzem-se dezenas, centenas de «argumentos» construídos com base na adulteração dos factos, na falsificação directa dos acontecimentos, de modo a amedrontar as pessoas não versadas ou pouco versadas em política.

Desejando fundamentar ideologicamente a sua política, os instigadores da corrida aos armamentos não desdenham quaisquer meios e actuam em conformidade com as leis da lógica militarista. Quando precisam de arranjar novas verbas para armamento, assustam os parlamentares e a comunidade com «o superior potencial soviético»; quando é necessário demonstrar aos eleitores o seu desvelo pela defesa — certificam-nos da «supremacia militar absoluta do Ocidente». Deste modo, *o mito da «ameaça militar soviética desempenha uma função perfeitamente determinada: encobrir a verdadeira correlação de forças militares, justificar as ambições hegemónicas dos círculos dirigentes de uma série de países ocidentais*. Para tal, utilizam-se os seguintes «argumentos».

O PRIMEIRO «ARGUMENTO» anuncia que sem o contínuo alargamento dos esforços bélicos, «o Ocidente tornar-se-á vítima do comunismo internacional». O ex-assessor do presidente dos EUA para a segurança nacional Z. Brzezinski escreveu abertamente que *«a existência do perigo vermelho constitui uma jusfificação cómoda para quaisquer passos nossos»*. Na realidade, estes passos são necessários, antes de mais, aos monopólios, para conservarem e alargarem os seus superlucros.

No artigo do professor catedrático americano N. Chomsky «Para que é precisa a guerra fria», publicado em Junho de 1981 no jornal inglês «The Guardian», diz-se claramente que, para justificar a elevação dos lucros dos monopólios, é necessária a existência de uma ameaça vinda do exterior, ou seja «por parte dos Sovietes». Só com a ajuda da manipulação de tal ameaça, escreve N. Chomsky, os poderes podem conseguir apoio para a sua política interna e externa.

O aumento sem precedentes do orçamento militar dos EUA, o qual no ano fiscal de 1982 atingiu a soma astronómica de 226 biliões de dólares, as-

segura, antes de mais, lucros fabulosos às firmas especializadas no fabrico de novos armamentos. Durante a administração J. Carter, o então ministro da defesa Brown previu que, em 1983, o orçamento militar americano se deveria elevar a uma cifra recorde — 172,3 biliões de dólares. Não obstante, ele errou nos cálculos: já em 1981, as despesas militares atingiram 180,7 biliões de dólares e, em 1982, como dissemos — 226 biliões! Temos, portanto, 40 biliões de dólares mais do que a soma exigida pelo ex-presidente Carter em Outubro de 1980. Em Agosto de 1981, a administração Reagan anunciou a sua intenção de gastar na corrida aos armamentos, durante os próximos cinco anos, a soma gigantesca de 1,5 triliões de dólares! Trata-se, pois, não só da militarização acelerada de toda a vida social, mas também da obtenção de lucros fantásticos para os monopólios que «trabalham» para a guerra.

Nas condições de histeria militarista que se apoderou dos departamentos governamentais dos EUA, dos órgãos de informação de massas e dos centros de negócios ligados ao complexo bélico-industrial, fazer isso é muito fácil. O senador americano B. Conable disse não sem ironia, a este respeito, que as despesas militares representam uma espécie de senha. Se alguem apoiar a proposta de gastar nas necessidades militares 155 biliões de dólares, então será um patriota; se quiser destinar a esse objectivo apenas 154 biliões de dólares, então será um agente soviético.

O SEGUNDO «ARGUMENTO» reduz-se a que «o perigo militar soviético» ameaçaria pretensamente, em primeiro lugar, os aliados europeus dos EUA. O general americano B. Rogers, comandante-chefe das forças unificadas da NATO, exigiu dos parceiros de bloco — com base em tal «argumento» — a elevação das despesas militares anuais de cada país da NATO em 4,5 por cento.

Tentando fazer baixar o nível dos sentimentos antiamericanos e antibélicos na Europa Ocidental, os «falcões» de Washington não se poupam a sombrios vaticínios, declaram que a União Soviética, tendo conseguido uma supremacia esmagadora, «paralisa a vontade de resistência e um belo dia apresenta à Europa um ultimato de rendição». *Assim conduzem os EUA uma chantagem descarada e a intimidação dos seus parceiros, de forma a que estes assumam uma maior parcela das despesas militares e concedam facilidades suplementares para a instalação, nos seus territórios, do armamento nuclear americano.* Mas já hoje os Estados Unidos dispõem na Europa de muitos milhares de ogivas nucleares, com os respectivos meios para as fazer atingir o seu objectivo. E se a isso acrescentarmos os milhares de tanques, aviões de combate e canhões dos exércitos dos países europeus — aliados dos EUA, então não é difícil imaginar a imponência do arsenal de meios de extermínio massivo acumulado na Europa Ocidental. Mesmo assim, esse arsenal é considerado insuficiente! Precisamente neste falso argumento assenta a decisão da NATO de instalar no continente europeu 572 novos mísseis de médio raio de alcance. Os americanos não se preocupam nada com o facto de, em caso de guerra, essas instalações se tornarem um alvo natural, com todas as consequências daí decorrentes para os Estados onde elas se encontrarem.

O TERCEIRO «ARGUMENTO» explica por que razão os EUA devem ser o «líder mundial», em torno do qual se devem unir todas as forças anti-socialistas. Tendo em vista que o «perigo soviético» recairia sobre toda a civilização, todo o mun-

do livre deve unir-se encabeçado pelos EUA. No fundo, com a ajuda deste «argumento» pretende-se justificar as ambições e as acções práticas dos círculos militaristas de quebrar, a favor da NATO, o equilíbrio de forças actualmente existente no mundo. Com o acompanhamento de numerosas intervenções de estadistas altamente colocados acerca do aumento da ameaça por parte da União Soviética e de outros Estados socialistas, são levados a cabo grandes preparativos militares. Através de semelhantes afirmações tenta-se convencer a população dos Estados Unidos e da Europa Ocidental de que não existiria paridade de forças entre os dois sistemas, uma vez que, segundo dizem, a União Soviética adquiriu supremacia estratégica global. Com a ajuda de tais «argumentos», no Ocidente tenta-se transformar a velha lenda sobre a «ameaça soviética» em forma de pensar de milhões de pessoas, em estereótipo básico da sua atitude para com tudo que se relaciona com o socialismo real.

Contudo, as referências à «ameaça militar» da União Soviética e dos países socialistas são completamente falsas. O sistema socialista mundial, tendo adquirido um potencial económico maior do que nunca, longe de pretender um «alargamento da expansão» (como se atribui sempre à União Soviética pelos seus inimigos), aspira sim à coexistência pacífica entre Estados com diferentes sistemas político-sociais.

Que nos ensinam as lições da História?

O estudo dos acontecimentos do passado permite assimilar mais profundamente a essência daqueles fenómenos que, na memória das pessoas, vivem como advertência, como prevenção para as novas gerações. Milhões de homens recordam a mais sangrenta de todas as guerras que tiveram alguma vez lugar no nosso planeta — a Segunda Guerra Mundial. E hoje em dia, quando a Humanidade se encontra face à ameaça de uma catástrofe mundial, as lições da guerra passada adquirem especial actualidade.

A PRIMEIRA DESSAS LIÇÕES recorda que a pretensão das forças agressivas à hegemonia mundial, ao domínio sobre outros países e povos está sempre condenada, ao fim e ao cabo, a um malogro demolidor. Quando os cabecilhas fascistas se preparavam para a «cruzada» sobre o Oriente, também acreditavam piamente que os seus objectivos hegemónicos eram realizáveis. Falando perante os quadros superiores do generalato da Wehrmacht, Hitler anunciou: *«Nós destruiremos a União Soviética. Na Terra surgirá o domínio alemão»*. Não obstante, os vaticínios de Hitler não se cumpriram, o povo soviético e o seu exército alcançaram uma vitória decisiva sobre o inimigo, expulsando os invasores não só do seu país, mas também libertando do fascismo uma série de outros Estados da Europa. Presentemente, quando o socialismo se transformou num sistema mundial, a derrota de qualquer agressor é ainda mais inevitável. No mundo não existem forças capazes, mesmo com a ajuda de poderosa máquina militar, de destruir a comunidade socialista ou de lhe ditar as suas condições.

Os resultados e consequências da última guerra, em resultado da qual foi aniquilado o fascismo, devem constituir severa advertência a todos os potenciais agressores. Contudo, a cúpula reaccionária da burguesia monopolista mantém-se surda a essas advertências. *Ainda em 1947, o presi-*

dente dos EUA Harry Truman afirmava já que os Estados Unidos deviam possuir uma força tal que lhes permitisse dirigir todo o mundo. Desde essa altura passaram-se muitos anos; mas os passos dados em política externa pela actual administração americana confirmam que ela segue essa linha. A administração Reagan proclamou abertamente que pretende alcançar a supremacia militar sobre a URSS, o que constitui uma política extremamente perigosa para a causa da paz.

OUTRA LIÇÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL recorda-nos que é perigoso ser indulgente para com o agressor. Os anos que precederam a guerra foram assinalados não só por enormes esforços do Estado Soviético, que tentou criar um sistema de segurança colectiva na Europa e assim conter os agressores fascistas, mas também pela conivência directa das potências ocidentais para com Hitler. Ficará para sempre na História o vergonhoso conluio de Munique*, que abriu caminho aos fascistas para novas aventuras. Os círculos monopolistas do Ocidente ambicionavam voltar os intentos agressivos do fascismo para Leste, contra a União Soviética. Mas essa política revelou-se pouco perspicaz. Ela transformou-se numa ameaça mortal para os seus próprios iniciadores, os quais não tiveram em conta os fins a longo prazo do fascismo alemão.

* Em 30 de Setembro de 1938, em Munique, foi assinado um acordo (participantes: Inglaterra, França, Alemanha e Itália), que condenou a Checoslováquia à invasão das tropas fascistas-alemãs e mostrou que as potências ocidentais não queriam opor à agressão qualquer luta armada. Tornaram-se importantes partes constitutivas do conluio de Munique a declaração anglo-alemã de não-agressão (Setembro de 1938) e a declaração análoga franco-alemã, as quais davam praticamente à Alemanha liberdade de acção a Leste.

Avaliando a actual política de uma série de Estados ocidentais, não é difícil constatar que nem todas as capitais recordam — longe disso — esta importante lição. Factos? São numerosos. Os círculos militaristas americanos, partindo dos seus conceitos doutrinais sobre a admissibilidade da guerra nuclear, recheiam literalmente a Europa Ocidental com novos armamentos. Não será evidente que, em caso de guerra, essa parcela do continente europeu se pode tornar alvo de resposta, com todas as horríveis consequências para os Estados que se submeterem ao ditame de além-oceano? Não terá a guerra passada mostrado quanto é perigoso ser cúmplice daqueles que em qualquer momento estão prontos a fazer detonar a guerra mundial?

OUTRA IMPORTANTE LIÇÃO DA GUERRA é a possibilidade — demonstrada pela prática histórica — de uma luta conjunta de Estados com diferentes sistemas sociais contra o agressor comum. Com efeito, na Segunda Guerra Mundial, se bem que os países em luta contra o fascismo perseguissem objectivos diferentes, o perigo comum conduziu à formação da coligação anti-hitleriana. A experiência de cooperação dos Estados que lutaram contra o fascismo, conserva o seu significado hoje em dia. *Nas actuais condições, isso poderia concretizar-se na fidelidade à coexistência pacífica, na afirmação do desanuviamento e em intervenções acordadas em apoio de iniciativas de paz. Os anos 70 demonstraram convincentemente que nesse caminho se podem abrir amplas perspectivas positivas.*

Contudo, aqueles que preferem a confrontação militar ao desanuviamento, gostariam de excluir até a possibilidade de analogias históricas. Os historiadores alemães ocidentais afirmam que a anu-

ência do Ocidente a uma coligação com os Sovietes na luta contra a Alemanha foi um erro decisivo, em resultado do qual todos os frutos da cooperação foram colhidos pelo Kremlin. Semelhantes afirmações não são só inconsistentes do ponto de vista histórico, são verdadeiramente sacrílegas à luz do papel desempenhado pela URSS na libertação de muitos povos das garras fascistas. As afirmações feitas hoje por figuras altamente colocadas dos EUA de que o desanuviamento constituiria uma «estrada de sentido único», que aproveitaria apenas à URSS, não são mais do que recidivas da velha tentativa de pôr em dúvida a própria ideia da cooperação (e coexistência pacífica) tanto no passado, como nos dias de hoje.

O povo soviético tem bem presentes as lições da guerra passada, e por isso revela sempre elevada vigilância em relação a quaisquer manobras dos militaristas, que tentam empurrar o mundo para o abismo da catástrofe nuclear. A URSS nunca perde de vista necessidade do reforço do potencial defensivo do país, das suas Forças Armadas. Uma elevada vigilância e uma permanente prontidão militar das Forças Armadas Soviéticas são especialmente necessárias perante a activização evidente dos preparativos militaristas além-oceano.

Como se fabricam os mitos anti-soviéticos!

A propaganda anti-soviética no Ocidente é conduzida por numerosos centros ideológicos subversivos, cuja actividade é coordenada fundamentalmente pela Agência americana de Comunicação internacional (ICA). Só em 1980, o orçamento desta Agência atingiu 432,5 milhões de dólares, e no total em acções de «guerra psicológica» e diversões ideológicas, os EUA gastam por ano cerca de três biliões de dólares! Juntamente com a ICA, no fabrico de mitos anti-soviéticos trabalham a CIA, a direcção de espionagem do departamento de Estado, o FBI, o conselho de radiodifusão internacional e a corporação RAND. Também colabora estreitamente com os centros subversivos americanos o conselho ideológico da NATO.

Sob a alçada destes órgãos, encontra-se um grande número de organizações estatais e outras. Os mais influentes destes centros, nos EUA, são: o Instituto da guerra, da revolução e da paz de Hoover, o Centro Russo da Universidade de Colúmbia, o Centro de Investigações Internacionais anexo à Universidade de Miami; na RFA, o sistema «Ostforschung» e na Inglaterra, o Instituto Internacional de Investigações Estratégicas de Londres. Citamos, aliás, apenas algumas das principais organizações, pois somente nos EUA contam-se cerca de duzentas.

São característicos da nova onda de anti-sovietismo desenfreado, que começou a crescer de forma particularmente rápida no início dos anos 80, a elevada agressividade, a grande envergadura, a multiplicidade de formas, o declarado histerismo. Basta folhear colecções dos jornais «The New York Times», «The Washington Post», «Washington Star». Aí são publicados permanentemente dados «fidedignos» sobre o aumento «sem precedentes» do potencial militar soviético, sobre a aceleração dos ritmos de modernização técnica das Forças Armadas Soviéticas, sobre os «cavernosos planos de Moscovo», etc. Em Julho de 1981, a «NATO Review» publicou uma tabela da correlação de forças entre o Ocidente e a URSS, de acordo com a qual os países do Bloco do Atlântico Norte estariam «catastroficamente atrasados em relação aos Sovie-

tes». Numa série de livros publicados no Ocidente, afirma-se que a guerra será desencadeada em meados dos anos 80, em resultado de uma agressão da União Soviética contra os países da NATO. Semelhantes raciocínios instalam na consciência das pessoas inquietação, insegurança e medo. Numa parcela significativa da população ocidental surgem assim opiniões falsas em relação ao perigo real que advém do militarismo da NATO e do seu fruto monstruoso — o complexo bélico-industrial.

A nova erupção de anti-sovietismo na «guerra psicológica» está ligada com o desejo de ocultar ou minimizar o papel das propostas de paz da União Soviética e de outros países socialistas, desacreditar a sua política externa. As forças progressistas de todo o mundo acolheram positivamente as decisões do Comité Político Consultivo dos Estados membros do Tratado de Varsóvia. Na Declaração aprovada na sessão do Comité, em Maio de 1980, e no comunicado sobre a convocação de uma conferência dos Estados ao mais alto nível faz-se uma análise da presente situação. Nesses documentos contém-se um programa concreto de medidas necessárias para a liquidação dos focos de tensão e das tendências perigosas para todos os povos que ganham corpo na cena internacional. A adopção dessas propostas de paz infligiria um golpe sobre os planos hegemónicos dos militaristas modernos; por isso, nas intervenções dos representantes oficiais do Ocidente expressa-se uma atitude extremamente negativa para com a boa vontade dos países socialistas.

Importantes iniciativas foram apresentadas pela União Soviética na XXXVI sessão da Assembleia Geral da ONU, no Outono de 1981. A delegação soviética propôs concretamente a aprovação, por todos os membros da comunidade internacional, de uma Declaração reconhecendo a inadmissibilidade e o carácter intolerável da utilização das armas nucleares, quaisquer que sejam as circunstâncias. Aprovada pela maioria dos membros da ONU, a Declaração foi adoptada. Mas a direcção da NATO não escondeu o seu descontentamento. De imediato, sob o comando de Washington, os numerosos centros de «guerra psicológica» começaram a caracterizar as novas propostas soviéticas como «propaganda», «camuflagem ideológica», tentativa de «dividir o Ocidente», etc.

O endurecimento do anti-soviétismo revela-se também na desenfreada especulação sobre os acontecimentos no Afeganistão e na Polónia. A posição de princípio da União Soviética em relação a essas questões foi reiteradas vezes exposta em documentos oficiais e nas intervenções de estadistas da URSS. Todavia, a propaganda ocidental não só justifica a ingerência (hoje evidente e incontestável) dos EUA, do Paquistão e de alguns outros países nos assuntos do Afeganistão e da Polónia socialista, como literalmente vomita grandes torrentes de mentiras sobre a política da URSS. Assim, em Agosto-Setembro de 1981, os meios ocidentais de informação de massas revelaram ao mundo a «utilização pelos Sovietes de meios químicos no Afeganistão», a «destruição de povoações perto de Cabul pelas tropas soviéticas», «factos de genocídio da população civil», etc. No que diz respeito aos acontecimentos na Polónia, não findam as declarações provocatórias, ameaçadoras (ao mais alto nível), sobre a «utilização da força» pelos vizinhos contra um Estado que atravessa um período difícil na sua história. Diferentemente dos círculos dirigentes ocidentais, na União Soviética considera-se que os

acontecimentos na Polónia constituem assunto interno do povo polaco e que nenhum Estado tem o direito de neles se imiscuir.

Os sistemáticos desmascaramentos e provas da desinformação não perturbam os especialistas ocidentais da «guerra psicológica». Tal como anteriormente, eles tentam convencer as pessoas da «agressividade dos Sovietes», formando estereótipos de pensamento anticomunista nas pessoas, uma imagem deturpada sobre os processos reais no mundo e suas causas.

A mentira em grandes proporções, difundida pelos meios de informação de massas foi, no fundo, elevada à categoria de política de Estado dos países ocidentais. Assim, os representantes oficiais do Departamento de Estado dos EUA tornaram regra convidar quase diariamente os correspondentes «necessários» dos jornais, rádio e televisão e comunicar-lhes factos e acontecimentos «proveitosos», dando-lhes a sua interpretação. Precisamente da boca desses altos funcionários saltaram as numerosas aldrabices anti-soviéticas de má fé sobre o «genocídio no Afeganistão», as «intenções agressivas da URSS em relação ao Irão», a «intervenção em preparação contra a Polónia«, etc. As suas informações, com tiragens de milhões de exemplares, contendo sempre novos «detalhes», constituem nada mais nada menos que a versão oficial, notoriamente falsa deste ou daquele acontecimento.

Nos últimos tempos, tornou-se usual no Ocidente basear-se em certos «dados dos serviços secretos», os quais, no fundo, permitem aos propagandistas avaliar arbitrariamente a correlação de forças militares, atribuir quaisquer intenções aos países socialistas, justificar notórias falsidades. As referências à «informação secreta» são também cómodas no sentido de que, com a sua ajuda, é fácil conseguir sensacionalismo, uma forma invulgar de transmissão dos materiais. Na realidade, porque são de origem pretensamente secreta, o leitor não pode verificar esses dados!

A desinformação, que brota continuamente da cadeia de produção da propaganda anti-soviética, destina-se não só a uma «utilização local» nos respectivos países, mas é também endereçada para os países socialistas. Nos últimos tempos, essa propaganda, especialmente através dos canais da rádio, diferencia-se cuidadosamente. Os principais objectos de influência, nos países socialistas, são a juventude, a intelectualidade e, agora, os militares. Por exemplo, somente as estações de rádio da CIA «Liberdade» e «Europa Livre», que alargaram significativamente o volume das suas emissões, em 1981, dedicam até quinze por cento do seu tempo à influência sobre a consciência dos militares dos países socialistas. Não terminam as especulações ideológicas sobre a história da Segunda Guerra Mundial, sobre as lutas e combates passados. Todavia, os agentes diversionistas da rádio preferem não recordar as guerras de agressão dos EUA na Coreia e na Indochina, a organização de golpes militares sangrentos no Chile e na Bolívia, as represálias cruéis praticadas pelas tropas inglesas na Irlanda do Norte, a política agressiva de Israel contra os países árabes, a ingerência da camarilha militarista americana nos assuntos de muitos Estados soberanos. Sobre a violência, a crueldade, a narcomania, o racismo e o nacionalismo chauvinista que atacam o exército americano de dentro, também não se fala, naturalmente, nessas emissões.

O aumento do fabrico de mitos anti-soviéticos reflecte claramente o desejo da administração de Washington e dos seus aliados de passarem a uma

política aventureirista de hegemonismo e expansionismo, prenhe de sérias consequências para a causa da paz e da segurança dos povos. Todavia, nenhuma mentira, por maior que seja, está em condições de ocultar o facto indiscutível de que a URSS constitui um consequente bastião da paz e não da guerra.

PORQUE PRECISA O SOCIALISMO DE PAZ E NÃO DE GUERRA?

A União Soviética não desencadeou uma única guerra. Nunca constituiu fonte de ameaça militar para outros países e povos e nunca ultrapassou os limites do necessário para a defesa. A URSS nunca lançou qualquer desafio bélico aos seus oponentes, antes foi obrigada a responder a vários desafios dessa índole.

O socialismo e a paz são inseparáveis

Já no século passado, na aurora do surgimento e difusão do socialismo científico no planeta, Karl Marx e Friedrich Engels, seus fundadores, demonstraram que o ideal do socialismo é o trabalho pacífico criador.

Marx apelava os comunistas a acções que assegurassem uma paz sólida e justa entre os povos. O grande pensador antecipou o quadro do futuro, de uma nova sociedade, «cujo princípio internacional será a paz, visto que todos os povos terão um único e mesmo senhor — o trabalho!» No artigo «Pode ou Não a Europa Desarmar-se?», Engels, partindo dos princípios humanistas do socialismo, manifestou-se decididamente contra a corrida aos armamentos conduzida pelas classes exploradoras.

Com a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia, em 1917, a luta pela paz tornou-se o princípio fundamental da política externa do novo regime.

Vladímir Lénine acentuava a extrema importância de uma situação de paz para a construção do socialismo, assinalando

que a paz «faz avançar a causa infinitamente melhor do que a guerra». Na sua carta «Aos Operários Americanos» Lénine escreveu que uma paz sólida será favorável aos trabalhadores «no decorrer do período em que existirem lado a lado Estados socialistas e capitalistas».

Esta posição decorre aliás não de meras considerações de carácter táctico, como frequentemente gostam de afirmar os críticos burgueses, mas sim das enormes possibilidades do socialismo.

A política de coexistência pacífica corresponde aos interesses de todos os trabalhadores, criando condições favoráveis ao crescimento do bem-estar popular, da cultura, do reforço da justiça social.

«A coexistência pacífica entre Estados socialistas e capitalistas — acentua-se no Programa do PCUS — é uma necessidade objectiva do desenvolvimento da sociedade humana».

Pela sua teoria e prática, o socialismo exprimiu a necessidade de realização da mais grandiosa necessidade dos homens — o reforço da paz na terra. Vejamos porquê.

EM PRIMEIRO LUGAR, as guerras de rapina são fruto do regime explorador. Na sua preparação e condução estão interessados determinadas classes e grupos sociais. No socialismo, porém, não há nenhuma classe, nenhum grupo social, nenhuma organização social interessados na guerra. A propriedade social dos meios de produção priva as forças sociais de qualquer interesse pela usurpação, a pilhagem internacional, o ditame sobre outros países e povos. Na sociedade socialista não há forças políticas para as quais a guerra seja «proveitosa», aceitável, desejada. Eis porque

Vladímir Lénine afirmava que «o fim das guerras, a paz entre os povos, o término das pilhagens e violências são precisamente o nosso ideal...»

É o sistema sócio-económico capitalista que estimula, empurra os monopólios para a corrida aos armamentos, as aventuras militares, a utilização da força nas relações internacionais. Por exemplo, nos EUA estão empregados na produção bélica vários milhões de americanos. As fábricas militares, nas condições de desemprego crónico, estão interessadas na manutenção do negócio bélico. Só na produção de mísseis estão ocupadas, nos EUA, para cima de 170 grandes empresas nas quais trabalham mais de 700 mil pessoas. A revista alemã-ocidental «Der Spiegel» escreveu que «os lucros do capital investido nas firmas militares nos Estados Unidos são três vezes superiores à média registada na indústria do país». Uma das comissões do Senado dos EUA, após ter analisado a situação em mais de cem monopólios do complexo bélico-industrial, determinou que 94 deles obtiveram 50% de lucros líquidos; 49 — mais de 100%; 22 — para cima de 200%; 3 — cerca de 500%; e uma corporação — 2000% de lucro em relação ao capital investido! Como se vê, a diferença sócio-económica dos dois sistemas condiciona uma abordagem diametralmente oposta do problema da guerra e da paz.

O marxismo-leninismo já demonstrou há muito que a fonte mais profunda das guerras é o sistema económico da sociedade exploradora. *Apenas no período decorrido desde fins da Segunda Guerra Mundial, segundo dados do Instituto americano de Brookings (mais concretamente de 1946 a 1975), os EUA utilizaram 215 vezes a força militar para alcançar os seus objectivos políticos. Muitas dessas acções armadas foram guerras não declaradas. Nesse mesmo período, a camarilha militarista americana ameaçou directa ou indirectamente 19 vezes utilizar as armas nucleares. Todas estas guerras e conflitos armados foram o resultado da acção de causas sócio-económicas que tomam raízes no âmago da sociedade exploradora, para a qual a guerra se tornou «uma ocupação constante».*

EM SEGUNDO LUGAR, todas as guerras que a União Soviética teve de travar, foram-lhe impostas do exterior. Será possível esquecer a intervenção estrangeira na Rússia após a vitória da Revolução socialista de 1917? O país, que acabara de suportar o fardo de quatro anos da guerra mundial, estava exangue. E nesse momento, o capital estrangeiro enviou contra a Rússia os seus corpos expedicionários de Ocidente, Norte, Sul e Leste. O país dos Sovietes encontrava-se nas malhas de destruições nunca vistas. Nessas condições, poderá um povo desejar a guerra?!

O tempo voa impetuosamente. Passaram já quatro decénios desde o dia em que as chamas da Segunda Guerra Mundial atingiram a terra soviética. Numa frente enorme, desde o mar de Barentz ao mar Negro, desencadeou-se um embate cruel com o fascismo alemão. Os soviéticos nunca esquecerão aqueles dias, quando todo o potencial da máquina de guerra hitleriana se lançou perfidamente sobre o primeiro país do socialismo. Arderam cidades e aldeias, os invasores semearam morte e destruição por todo o lado. A muitos, no Ocidente, parecia então que ninguém se poderia opôr a uma força de choque de quase 200 grandes unidades, e que contava nos seus efectivos mais de 4 mil tanques, cerca de 5 mil aviões e 50 mil armas de artilharia.

O ministro da defesa dos EUA H. Stimson no segundo dia após o início da guerra escreveu ao presidente F. Roosevelt que, para derrotar a URSS, os alemães precisariam, no mínimo, de um mês e no máximo de três meses. Também não duvidava disso a direcção fascista, que encarava a URSS como principal obstáculo no caminho para o domínio mundial. No Ocidente não eram na altura muitos os que podiam prever que no dia 22 de Junho de 1941 os fascistas haviam dado um passo fatal ao encontro da morte e que a guerra iria terminar no local onde nascera — em Berlim. Mas a vitória custou ao povo soviético um preço extremamente elevado.

A União Soviética, defendendo a independência e a liberdade, perdeu na guerra um terço da sua riqueza nacional, mais de 20 milhões dos seus filhos, viu destruídas para cima de 1700 cidades, quase 100 mil povoados e aldeias, 32 mil empresas industriais. Poderá um país que tanto perdeu desejar a guerra?!

Dwight Eisenhower, comandante-chefe das tropas dos aliados ocidentais da coligação anti-hitleriana, recorda no seu livro «Cruzada à Europa»: *«...Os sofrimentos da Rússia na Segunda Guerra Mundial foram horríveis. Em 1941, os nazis conseguiram ocupar quase todas as suas regiões ocidentais, e quase tudo a ocidente do Volga estava em ruínas. Quando, em 1945, nós voámos para a Rússia, desde a fronteira até aos arredores de Moscovo não vi um só edifício inteiro. Grande número de cidades haviam sido transformadas em ruínas...»*

Semelhantes testemunhos são numerosos. Nestas condições, como levar a sério aqueles que afirmam que a agressividade, a aspiração à hegemonia são determinadas pelo regime socialista?!

Falsificando grosseiramente a História, a despeito de factos de todos conhecidos, a propaganda ocidental tenta por todos os meios deturpar as causas reais da Segunda Guerra Mundial. Isto é, aliás, compreensível. Efectivamente, tal tipo de juízos «conjuga-se» bem com a concepção da «ameaça militar soviética» propalada hoje pelos círculos militaristas. Alguns políticos e ideólogos do tipo de R. Pipes, funcionário responsável da adminis-

tração americana, tentam fazer analogias directas entre «a agressividade russa no czarismo», «o expansionismo dos Sovietes nas vésperas da Segunda Guerra Mundial» e «a fonte da presente ameaça para o mundo livre». O escritor militar inglês W. Rutherford afirma que a Segunda Guerra Mundial, assim como a ameaça da terceira, se explicam em larga medida pela agressividade dos Sovietes. Um grupo de «especialistas» alemães ocidentais no compêndio «Guerra mundial. Causas e pretexto», escreve que «a ameaça de hoje, que parte do Leste para o mundo livre, também se encontrava perante Hitler. Ele foi obrigado a reagir-lhe. A guerra contra a Rússia foi para ele obrigatória».

Semelhantes «requintes teóricos» não satisfazem ainda por completo a propaganda burguesa. Tentam fazer chegar essas mentiras até às grandes massas de leitores em diversas publicações de vulgarização, de forma a deturpar mais completamente a verdade, a criar falsas directrizes de vida entre a juventude. Assim, por exemplo, há já muitos anos que na RFA se publicam em grandes tiragens os chamados «Cadernos dos soldados» (Landserhefte). Eles surgem uma vez por semana e seguidamente são brochados em grossos compêndios. Nesses «Cadernos» desculpa-se por todos os meios o fascismo, os seus crimes e fala-se inequivocamente sobre a fonte da ameaça para o mundo livre, que radicaria, supostamente, «no comunismo». Nas páginas de tais publicações escrevem ex-SSs, ex-nazis, neo-fascistas modernos. Assim se violenta a verdade histórica e se prepara o «material humano» capaz de se tornar executor da má vontade de um líder. E muito raramente podemos encontrar o reconhecimento honesto do facto indesmentível de que o povo soviético, ao qual a guerra trouxe enormes sofrimentos, não pode aspirar à sua repetição.

EM TERCEIRO LUGAR, o povo soviético, que durante a sua história sofreu grande quantidade de sofrimentos e privações, está firmemente decidido não só a superar definitivamente o atraso numa série de esferas da economia, mas a atingir novos altos resultados na produção social, no bem-estar popular, na cultura e na instrução. E isso só se pode conseguir concentrando esforços no campo sócio-económico e não no militar. Ainda ninguém em parte alguma conseguiu produzir «e canhões e manteiga». *No XXVI Congresso do PCUS foi avançado um vasto programa de elevação ulterior do bem-estar do povo. Esse programa, para os anos 80, abarca a melhoria de todos os aspectos da vida dos soviéticos — o consumo e a habitação, a cultura e o descanso, as condições de trabalho e de vida. Naturalmente que realizar todos os planos e programas sócio-económicos de desenvolvimento só é possível em condições de paz, e não de preparação para a guerra.*

Eis apenas alguns dados que caracterizam o crescimento do bem-estar do povo na URSS:

	1940	1965	1970	1975	1980
Crescimento dos rendimentos reais (1940 considera-se como unidade)	1	3,0	4,0	4,9	5,8
Salário médio mensal (rublos)					
na indústria	34,1	104,2	133,3	162,2	185,4
na agricultura	23,3	75,0	101,0	126,8	149.2
Superfície habitável por habitante urbano (m²)	6,5	10,0	11,0	12,0	13,0

	1940	1965	1970	1975	1980
Número de médicos por 10 000 habitantes	7,9	23,9	27,4	32,6	37,2
Número de camas nos hospitais por 10 000 habitantes	40	96	109	118	125
Número geral de estudantes (milhões de pessoas)	47,6	71,9	79,6	92,6	100,2
destes em institutos de ensino superior (milhões de pessoas)	0,8	3,9	4,6	4,9	5,2

As despesas do Estado soviético com cada estudante constituem por ano: nas escolas de ensino geral — cerca de 200 rublos; nas escolas médias especializadas — cerca de 700 rublos e nos institutos superiores — mais de 1000 rublos.

Tudo isto não poderia ter sido alcançado se o objectivo principal da União Soviética fosse a preparação para a guerra. Bem pelo contrário — o socialismo precisa, para o seu desenvolvimento, de uma paz sólida e ele luta consequentemente pela sua conservação e reforço.

«Defendendo a paz, nós trabalhamos não só para os homens de hoje, não só para os nossos filhos e netos — assinalou Leonid Bréjnev no XXVI Congresso do PCUS —, nós trabalhamos para a felicidade de dezenas de gerações futuras».

Porque são as despesas militares da URSS inferiores às dos EUA?

Um dos indicadores do carácter e orientação da política interna e externa dos Estados é a estrutura do seu orçamento. O volume dos meios atribuídos pelo Estado a esta ou àquela esfera da vida social caracteriza em larga medida os verdadeiros objectivos e aspirações dos partidos e grupos governantes, da direcção do país. Em relação aos orçamentos dos países socialistas, no Ocidente existe uma multiplicidade de invencionices, cujo objectivo é demonstrar o seu carácter pretensamente militarista. Que se passa, na realidade?

Os dirigentes soviéticos acentuaram reiteradamente (como aliás os dirigentes ocidentais até um período recente) que hoje existe um equilíbrio estratégico, uma paridade aproximada entre as forças bélicas da URSS e dos EUA, a qual permite, com base no princípio da igual segurança, procurar os caminhos para a limitação dos armamentos estratégicos ofensivos. Isso reflectiu-se nos conhecidos acordos entre a URSS e os EUA — SALT-I e SALT-II. O último destes acordos, apesar de ter sido assinado pelo presidente J. Carter, seguidamente foi bloqueado pela nova administração dos Estados Unidos, não tendo sido ratificado pelo senado americano.

Os criadores da lenda da «ameaça militar soviética» colocam com bastante frequência a seguinte questão: de que forma consegue a URSS o equilíbrio estratégico com os EUA nos armamentos nucleares, se as suas verbas destinadas a necessidades militares são inferiores às dos EUA?

Efectivamente, como explicar isto? A URSS e os seus aliados gastam, de facto, menos em objectivos militares do que os EUA e outros países da NATO. Como consegue o campo socialista manter o equilíbrio das forças estratégicas?

Analisemos a estrutura do orçamento da URSS nos últimos quarenta anos.

Principais componentes da parcela de despesas do orçamento da URSS entre 1940 e 1980 em biliões de rublos

Verba	1940	1965	1970	1975	1980
Economia	5,8	44,9	74,6	110,7	161,0
Medidas de carácter sócio-cultural e ciência	4,1	38,2	55,9	77,1	98,8
Defesa	5,7	12,8	17,9	17,4	17,1
Administração	0,7	1,3	1,7	2,0	2,5

As despesas bélicas reais da URSS são significativamente inferiores àquelas que citam, no Ocidente, todo o tipo de «institutos» e «centros». Determinando a fracção das despesas da União Soviética nas necessidades militares, os analistas ocidentais utilizam habitualmente um truque aritmético: introduzem o chamado coeficiente de Benoit-Lubell, com a ajuda do qual comparam os volumes das despesas militares da NATO e dos países socialistas. Por meio de todo um sistema de manipulações, os funcionários do Instituto de Investigações Estratégicas de Londres exageram, por exemplo, as despesas militares da URSS em duas a três vezes. Apesar de, em números absolutos, as despesas militares na URSS desde 1940 terem aumentado para o triplo, a sua parcela no sistema das despesas gerais do Estado baixou invariavelmente. Essa baixa nos últimos quarenta anos traduziu-se na seguinte curva: de 32 para 6 por cento.

Todavia, no Ocidente, a despeito dos factos, seguem em relação a esses dados outro raciocínio. Assim, por exemplo, aquele mesmo Instituto de Investigações Estratégicas de Londres considera que a parcela das despesas militares no orçamento da URSS constitui 10-12%. Mas, mesmo se deixarmos passar valor tão claramente aumentado, mesmo nesse caso obtemos que a União Soviética não despende mais do que os EUA na defesa. Porquê? Porque o produto nacional bruto dos EUA, como Washington apregoa por ora, é ainda duas vezes superior ao da URSS. Deste modo, mesmo nesse caso as despesas militares na sua expressão real são aproximadamente iguais.

Com certeza que seis por cento do orçamento de Estado também não é pouco. Mas essas despesas no campo da política militar são forçadas. Elas advêm da situação internacional, da corrida aos armamentos, do aumento das forças bélicas da NATO. E por isso, embora defrontando-se com uma série de problemas por resolver na economia nacional, a URSS vê-se obrigada a gastar a quantidade de meios necessária /MAS SOMENTE A NECESSÁRIA!/ na defesa.

Manter um exército moderno custa muito dinheiro. Nesse sentido, tem evidentemente razão B. Brodie, que intitulou um dos capítulos do seu livro «A estratégia no século nuclear» de forma extremamente eloquente: «A estratégia custa dinheiro». Claro que a estratégia defensiva da União Soviética também não custa poucos rublos. Mas, no conjunto, a URSS gasta nas necessidades militares bastante menos do que os EUA, conservando, ao mesmo tempo, o equilíbrio estratégico. Como o consegue? Não haverá aqui truques estatísticos? Graças a quê consegue a União Soviética não elevar no orçamento de Estado /em termos percentuais/ as despesas com as necessidades militares? Assinalemos uma série de importantes circunstâncias.

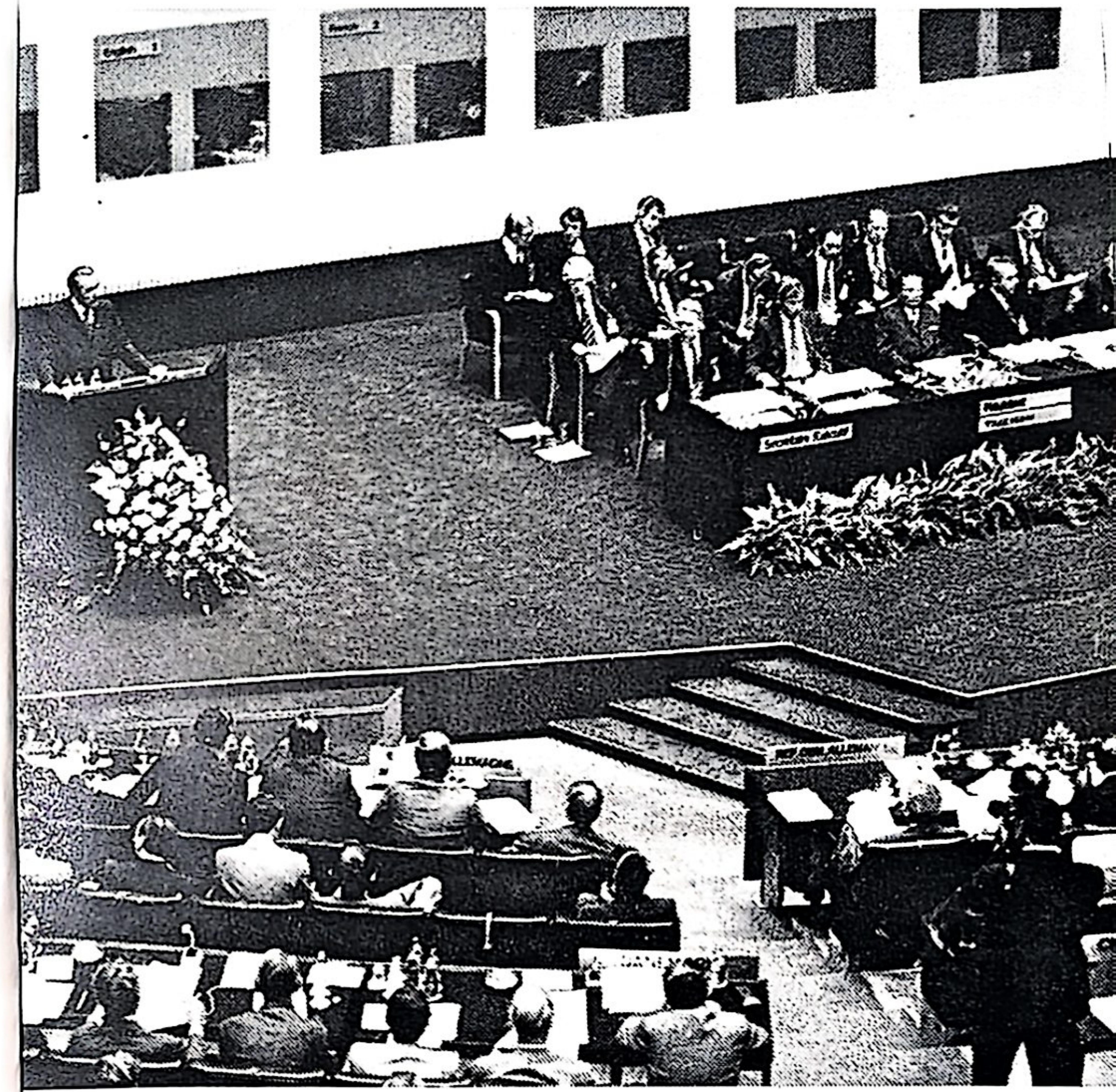
EM PRIMEIRO LUGAR, a URSS durante toda a sua história nunca conduziu uma só guerra de a-

gressão. As Forças Armadas Soviéticas não participaram (e não participam) em guerras agressivas. Ora apenas no pós-guerra, os EUA desencadearam em diversos continentes várias dezenas de guerras e conflitos locais! Quem não lembra como os EUA tentaram quebrar o desejo de liberdade do povo do Vietname? Não estão esquecidas as aventuras das forças agressivas na Argélia, Congo, Coreia, República Dominicana, Salvador. Não se apagaram as chamas da guerra no Médio Oriente.

Por outras palavras, a circunstância dos EUA se terem atribuído a si próprios funções de «gendarme» mundial, não lhes sai barato (ou melhor aos contribuintes desde país). A URSS não está sobrecarregada por tais «funções», e isso permite-lhe despender nas necessidades militares muito menos do que os EUA.

EM SEGUNDO LUGAR, as Forças Armadas Soviéticas e as tropas dos países da NATO são preenchidas numa base social completamente diferente. A principal parcela dos militares soviéticos (os efectivos do serviço activo) é constituída por não profissionais. Para os soldados e marinheiros, sargentos e primeiros-sargentos, o serviço militar constitui apenas uma etapa da sua vida. Uma etapa importante, mas curta (2-3 anos). Cumprindo o serviço militar em conformidade com a Constituição da URSS, os jovens encaram-no como o cumprimento de um alto dever cívico e patriótico. Eles servem não pelo dinheiro ou lucro. As FA são uma importante escola de amadurecimento, de disciplina, de educação moral. Simultaneamente, as FA preparam cidadãos conscientes do seu país, os quais, depois do devido prazo de serviço, vão para as fábricas, empresas, campos e estabelecimentos de ensino. Os efectivos do exército e da mari-

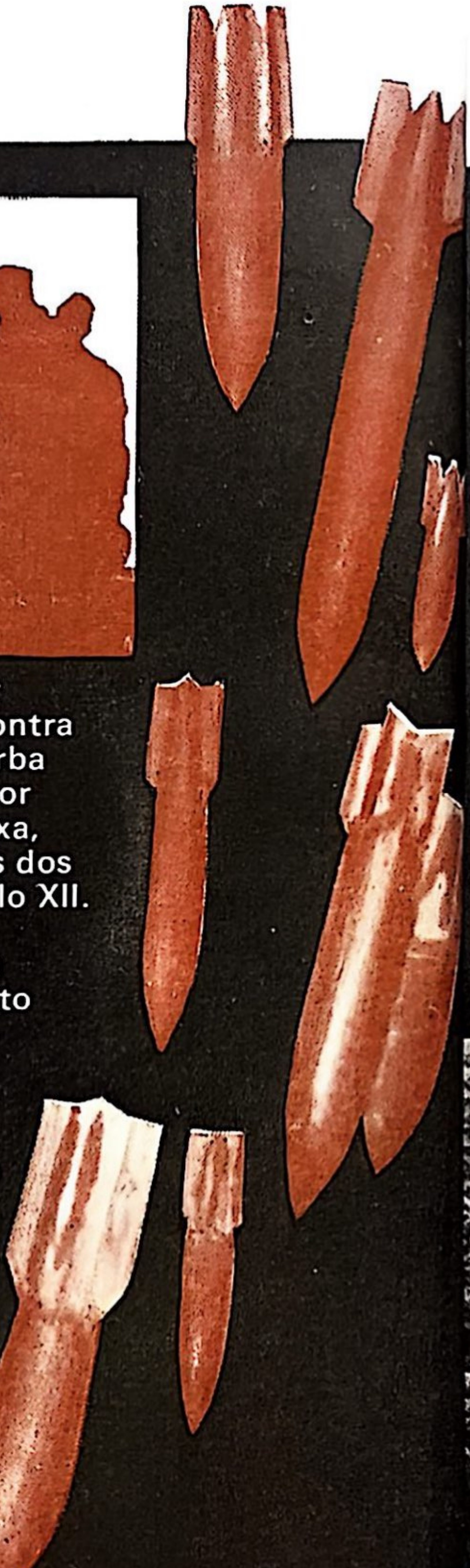
No dia 1 de Agosto de 1975, os representantes de 33 países europeus, bem como dos EUA e do Canadá assinaram em Helsínquia a Acta Final da Conferência sobre Segurança e Cooperação na Europa.



Nos anos 70, as forças progressistas de todo o mundo conseguiram orientar o desenvolvimento das relações internacionais pela via do desanuviamento. Contudo, no começo dos anos 80, nos escalões superiores do poder de uma série de Estados da NATO voltaram a prevalecer aquelas forças que se habituaram a olhar o mundo através da mira das armas.

1941

Milhões de pessoas recordam a Segunda Guerra Mundial — a mais sangrenta de todas as guerras que alguma vez já se travaram no planeta.

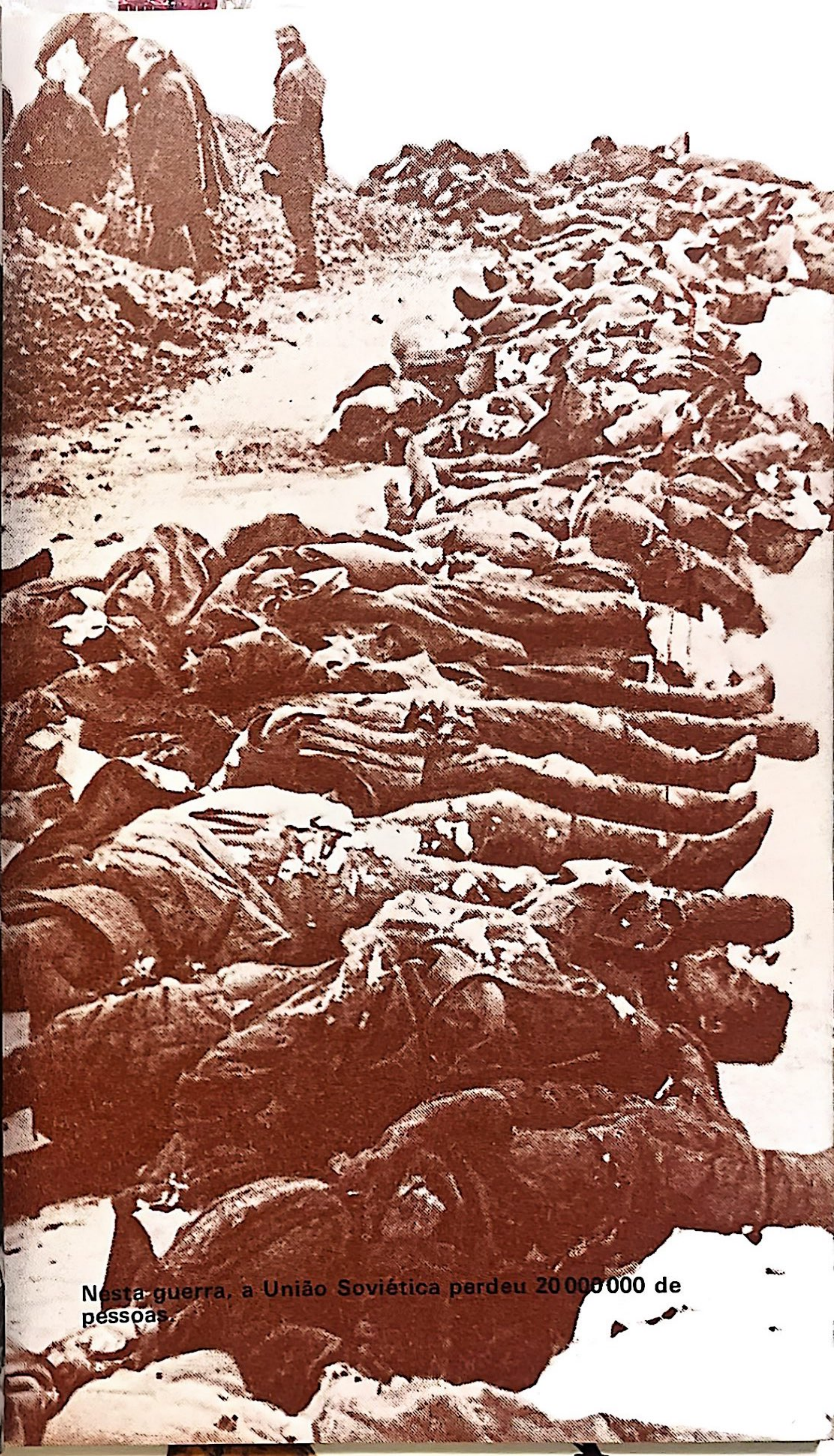


Em Dezembro de 1940, Hitler aprovou o plano de guerra contra a URSS, chamado «plano Barba Roxa», em honra do imperador alemão Frederico I Barba Roxa, que comandou as campanhas dos cruzados para Leste, no século XII. O plano previa o ataque de surpresa à União Soviética, a derrota fulminante do Exército Vermelho, a chegada das tropas nazis à linha Arkanguelsk — Volga — Astrakan. A essa «operação», Hitler, inebriado pelos seus falsos sucessos na Europa Ocidental, destinava apenas 9 semanas. Preparando-se para a «cruzada» sobre o Leste, os chefes fascistas acreditavam que os seus objectivos hegemónicos eram atingíveis...

Na madrugada de 22 de Junho de 1941, a Alemanha fascista, traiçoeiramente, sem prévia declaração de guerra, atacou as fronteiras ocidentais da URSS, submetendo a intenso bombardeamento dezenas de cidades e pontos populacionais.

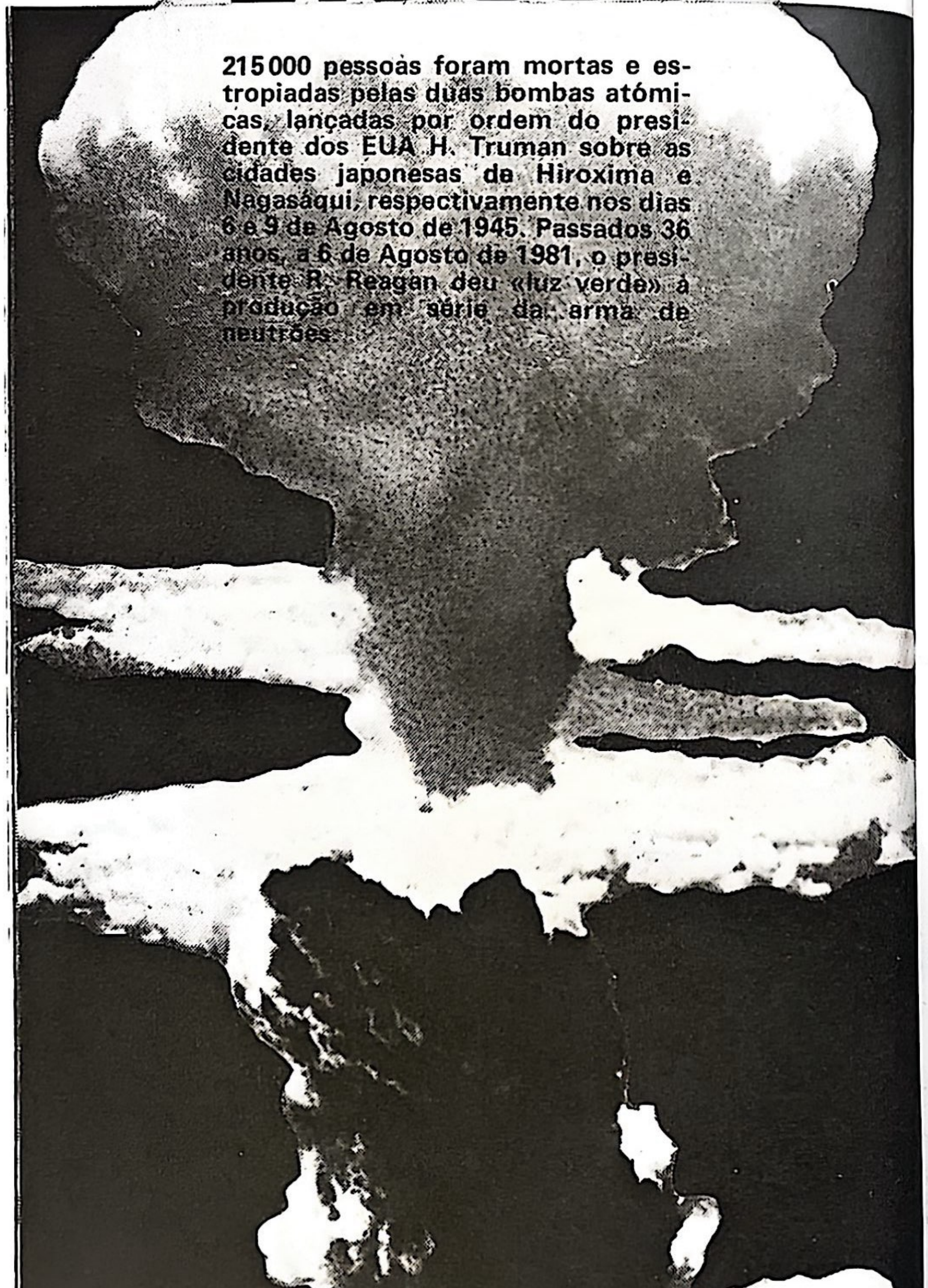
50 000 000

A Segunda Guerra Mundial ceifou 50 000 000 de vidas humanas. Parecia, pois, que as lições da guerra passada deveriam servir de séria advertência...



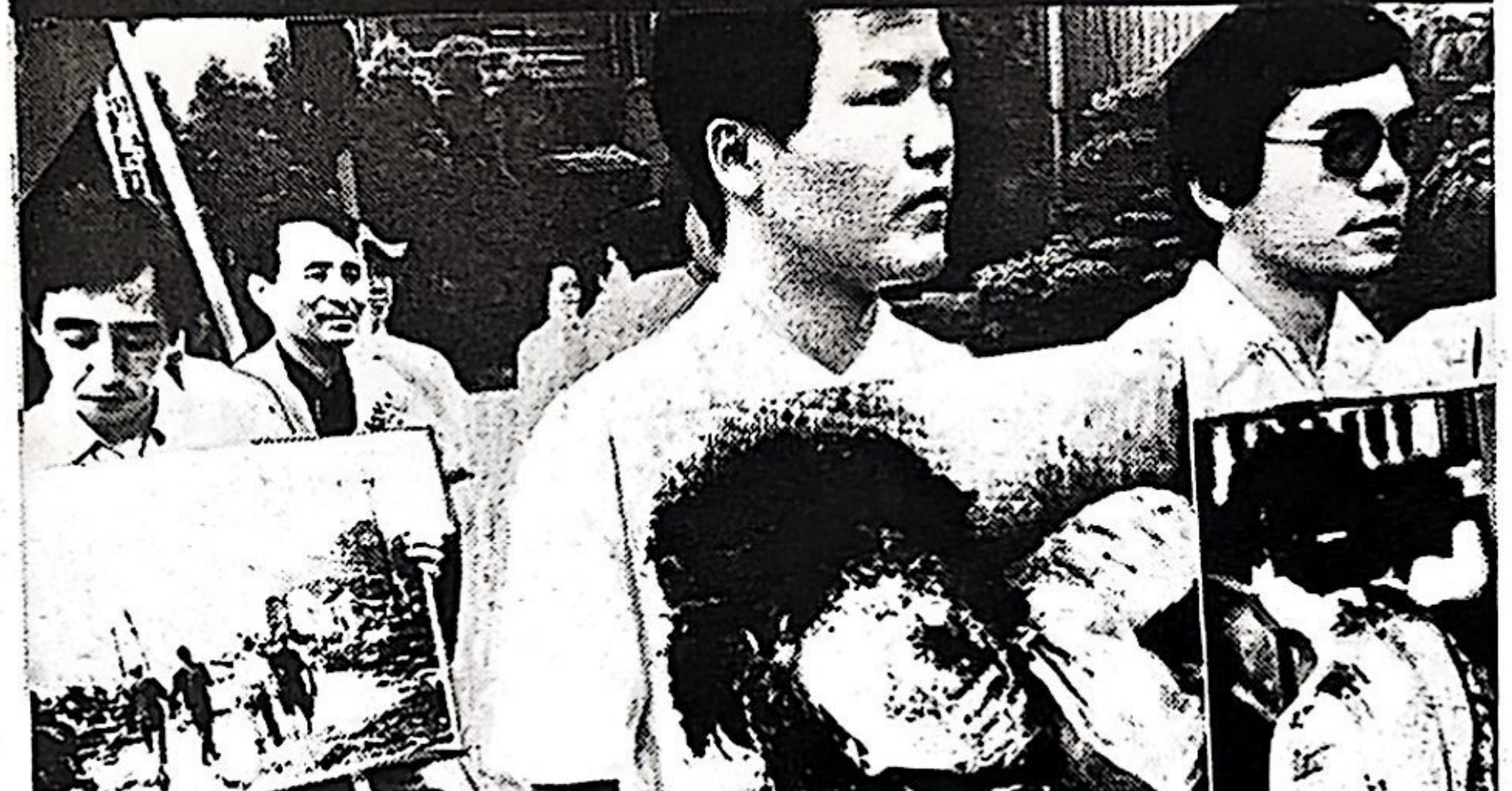
Nesta guerra, a União Soviética perdeu 20 000 000 de pessoas.

215 000



215 000 pessoas foram mortas e estropiadas pelas duas bombas atómicas, lançadas por ordem do presidente dos EUA H. Truman sobre as cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui, respectivamente nos dias 6 e 9 de Agosto de 1945. Passados 36 anos, a 6 de Agosto de 1981, o presidente R. Reagan deu «luz verde» à produção em série da arma de neutrões.

Participantes da Marcha Japonesa da Paz. Uma exigência firme: «Que o Japão seja declarado zona desnuclearizada!».

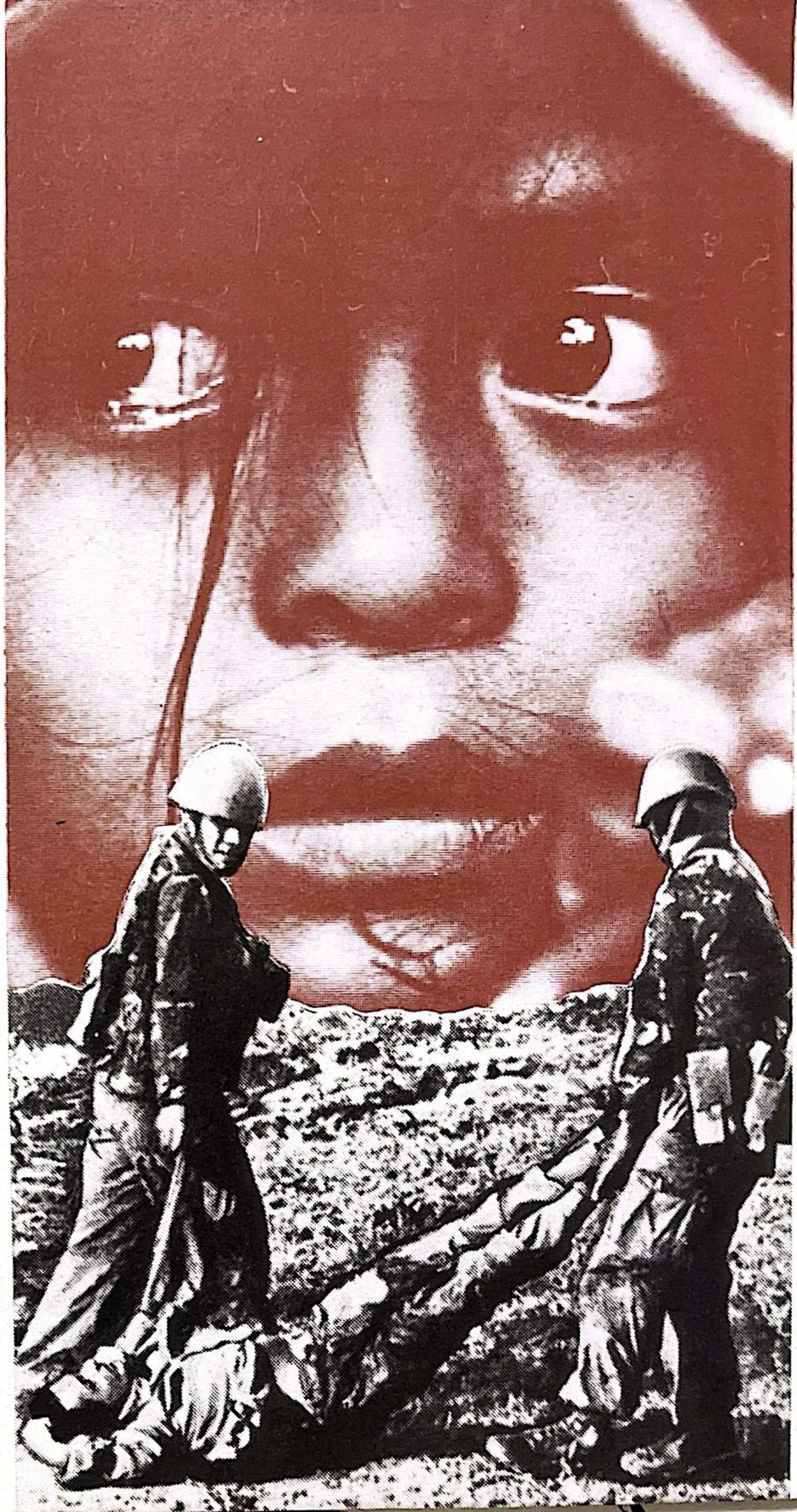


Os círculos dirigentes dos EUA acentuam fundamentalmente o alargamento por todos os meios do potencial estratégico nuclear.

Entretanto, representa grande perigo para a causa da paz não só o arsenal estratégico de guerra nuclear que se encontra directamente no território dos EUA. Acarretam também uma ameaça mortal as suas numerosas bases militares espalhadas por todo o mundo. Mais de meio milhão de soldados americanos, estacionados em dezenas de países, constituem uma força de guerra, expansão e agressão. Partindo das suas teses doutrinais sobre a admissibilidade da guerra nuclear, a camarilha militarista americana enche literalmente a Europa Ocidental de novas e novas armas.

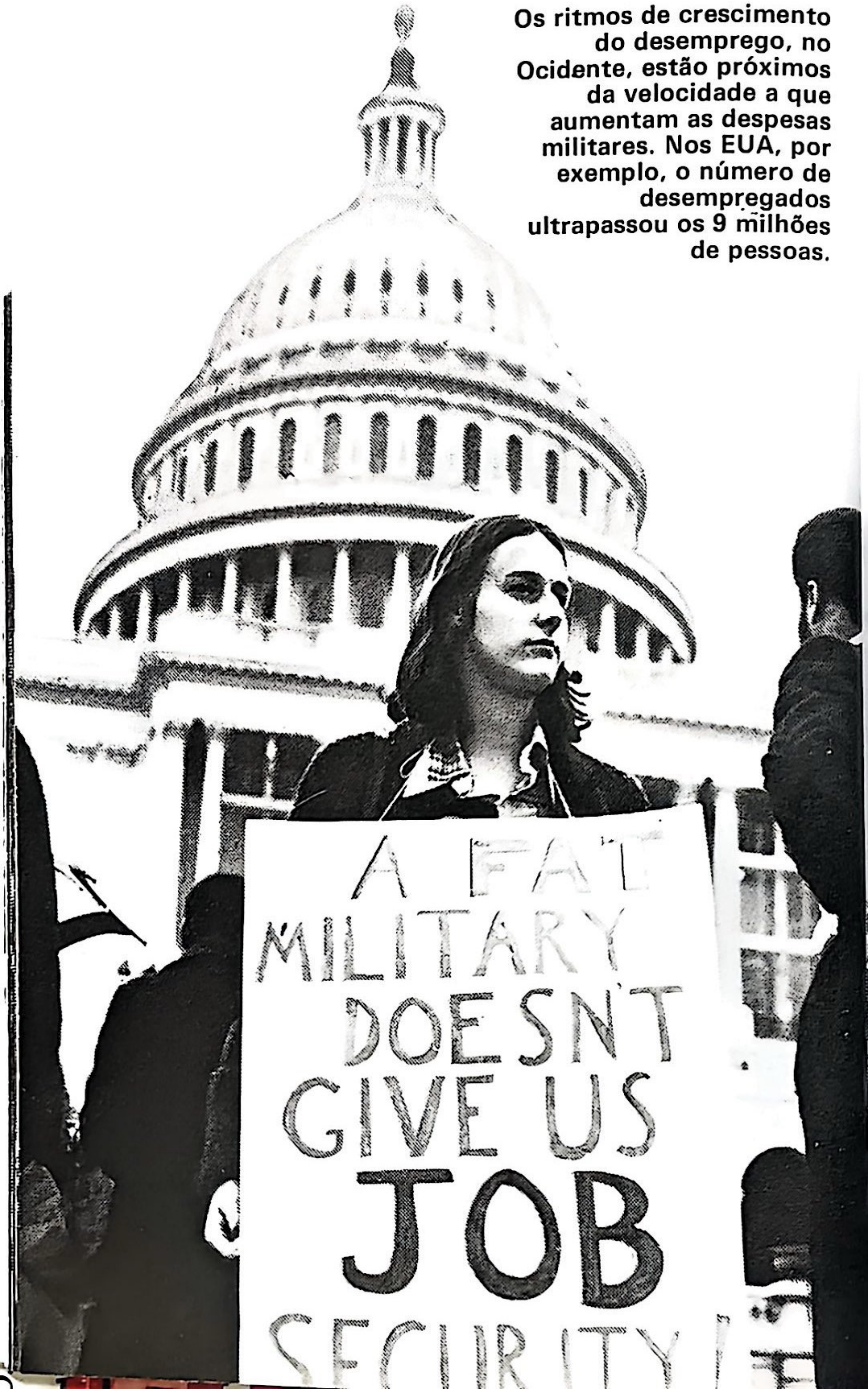
As chamas da guerra continuam a não se apagar no nosso planeta.

Somente depois da Segunda Guerra Mundial, os militaristas desencadearam em diferentes continentes dezenas de guerras e conflitos.



Deter a corrida aos armamentos!

Os ritmos de crescimento do desemprego, no Ocidente, estão próximos da velocidade a que aumentam as despesas militares. Nos EUA, por exemplo, o número de desempregados ultrapassou os 9 milhões de pessoas.



A opinião pública da França, RFA e outros países do Ocidente integra-se cada vez mais activamente no vasto movimento de protesto contra a corrida aos armamentos, instigada pelos Estados Unidos. Centenas de milhar de pessoas refutam decididamente a triste perspectiva de transformação dos seus países em arsenal explosivo de mísseis nucleares da camarilha militarista americana.

Assim mantêm a «estabilidade» social os círculos dirigentes do Ocidente.

As explosões de indignação popular, as acções anti--racistas assumem frequentemente aguda forma política.

O «PAI» DA BOMBA DE NEUTRÕES, SAMUEL COHEN, CONSIDERA QUE CRIOU «uma arma profundamente humana».

nha, recrutados com base na Lei do serviço militar obrigatório, absorvem muito menos meios para a sua manutenção que os militares assalariados.

Os mercenários, lansquenetes do século XX, são atraídos pelos aspectos materiais, corrompidos moralmente e ideologicamente depravados. Eles ficam caros ao Estado capitalista, mas este não pode passar sem eles, uma vez que a lealdade político-social dos habituais recrutas é, do ponto de vista da cúpula governante, duvidosa.

EM TERCEIRO LUGAR, a União Soviética despende menos na defesa porque não possui um sistema tão largo de bases militares, como o que os Estados Unidos criaram e que enreda todo o nosso planeta numa teia militarista. A estratégia de bases dos EUA parte da concepção falida de liderança mundial, da ambição de desempenhar um papel especial, messiânico no desenvolvimento social mundial. Para a União Soviética, semelhantes ideias são profundamente estranhas e hostis. A URSS não despende, portanto, recursos na realização de doutrinas hegemónicas.

EM QUARTO LUGAR, a União Soviética gasta menos meios para fins militares também porque nunca aspirou alcançar supremacia sobre os EUA e os seus aliados. As suas concepções estratégico-militares partem do princípio da suficiência da igualdade, do equilíbrio de forças. O amontoar de armamento acima de um determinado limite não tem sentido evidente. É claro que a vida no planeta só se pode destruir uma vez, e não duas ou três. Por isso, a posição do Estado Soviético é a seguinte: é preciso, com base no princípio da segurança recíproca e da igualdade, garantir o equilíbrio das forças estratégicas e seguidamente fazer todo o possível para, com base em acordos internacionais, começar a baixar o nível dos arse-

nais militares dos Estados. Os factos da História (e refutá-los é impossível) testemunham que não a União Soviética, mas sim os Estados Unidos, durante todos os anos do pós-guerra, tentaram alcançar vantagens unilaterais por meio da «ruptura», da supremacia em relação à URSS nos campos científico, militar e técnico. E isso também custa caro.

Lembramos ao leitor que os EUA foram os primeiros a testar a arma atómica, em 1945 (a URSS — em 1949). A primeira experiência com um dispositivo termonuclear foi realizada pelos EUA em 1952 (pela URSS — em 1953). Os americanos foram os primeiros a criar, em 1960, um submarino atómico com mísseis balísticos (a URSS criou tal tipo de embarcação apenas quatro anos depois). Desde 1970, começaram nos EUA a «rechear» os mísseis balísticos intercontinentais com ogivas de cassete de orientação individual (só passados cinco anos a URSS se viu obrigada a iniciar o desenvolvimento de sistemas semelhantes). Foram precisamente os EUA que iniciaram a produção em série da arma de neutrões. Não num qualquer lugar, mas sim nos Estados Unidos elaboram para fins militares o sistema cósmico «Shuttle», desenvolvem-se novos complexos móveis de mísseis balísticos intercontinentais «MX», fabricam-se em quantidades massivas mísseis alados de diversos tipos. Muito do armamento que já hoje se produz nos EUA ainda não se fabrica na URSS. Os dirigentes soviéticos já se dirigiram reiteradamente à direcção americana propondo que se proíba a criação de novos sistemas de armas de extermínio massivo. Mas, ou não houve resposta, ou foi negativa. Nestas condições, guiando-se pelos superiores interesses nacionais, a União Soviética é obrigada a empreender passos de resposta, a levar em consideração os perigosos desafios que não deixa de fazer o Bloco do Atlântico Norte. Em qualquer caso, o comedimento da URSS na elaboração e fabrico de novos sistemas de armas, permite-lhe conservar um nível relativamente baixo de despesas militares.

Papel defensivo das Forças Armadas Soviéticas

Um dos alvos constantes dos ataques ideológicos dos políticos e propagandistas ocidentais são as Forças Armadas Soviéticas, habitualmente apresentadas como «a mão armada de Moscovo», «instrumento da expansão comunista», etc.

Desde a altura do seu surgimento (1918), o Exército Soviético nunca conduziu uma guerra de rapina. Poderão dizer o mesmo dos seus exércitos em Washington e noutras capitais das potências ocidentais? Não, não podem. Os Estados Unidos, por exemplo, nos duzentos anos da sua existência conduziram mais de duzentas guerras.

Como anteriormente, também hoje as forças armadas dos Estados capitalistas realizam duas funções principais: interna e externa. A função interna é condicionada pela necessidade de manutenção e conservação da «estabilidade» social, como a entendem os círculos governantes do Ocidente. Para isso eles apoiam-se não só na coacção económica, na violência espiritual, mas também, em caso de necessidade, nas FA. As explosões de indignação popular, as manifestações anti-racistas, o desagrado com as acções antidemocráticas do governo, assumem frequentemente forma política tão aguda que o poder, com o objectivo de conservar

a ordem existente, emprega sem hesitações as tropas contra os trabalhadores. O exército dos EUA, por exemplo, no pós-guerra, foi utilizado para esses objectivos algumas centenas de vezes! Podemos recordar as operações punitivas dos exércitos capitalistas em Miami (EUA), Ulster (Irlanda do Norte), Kwangju (Coreia do Sul), Assiut (Egipto), no Salvador, Paraguai, Uruguai, Chile, África do Sul...

Simultaneamente, os exércitos dos países capitalistas cumprem uma função externa, ligada com os seus propósitos expansionistas — a repressão das acções revolucionárias surgidas nos outros Estados. Esta repressão é realizada segundo as direcções seguintes: preparação para a condução de um confronto militar global com as forças do socialismo real, apoio aos regimes ditatoriais, prestação de «ajuda» aos seus aliados, submissão dos países em desenvolvimento à sua influência.

O papel social das Forças Armadas Soviéticas é diametralmente oposto. Elas não têm, não cumprem uma função interna, pois não há necessidade disso. O seu papel está directamente ligado com a manutenção da segurança externa do país e do povo. Ao mesmo tempo, o Exército Soviético, rechaçando reiteradas vezes a arremetida de agressores, prestou dessa forma ajuda a outros povos na conservação da sua liberdade e independência. Isso revelou-se de forma especialmente clara nos anos da Segunda Guerra Mundial. E dirigentes de países ocidentais afirmaram-no reiteradamente em intervenções públicas. *«As gerações futuras reconhecerão a sua dívida para com o Exército Vermelho, da mesma forma que nós o fazemos sem reservas, nós que vivemos até ao momento de podermos presenciar essas magníficas vitórias»,— disse o ex-primeiro-ministro da Grã-Bretanha*

W. Churchill. O presidente dos EUA F. Roosevelt assinalou a seu tempo que «o Exército Vermelho e o Povo da União Soviética são dignos de eterna honra e glória. Eles escreveram páginas inesquecíveis na história da luta contra a tirania e a opressão».

No mesmo espírito pronunciaram-se muitos chefes militares célebres dos países do Ocidente — Eisenhower, MacArthur, Marshall, Montgomery, Catroux e outros.

As Forças Armadas Soviéticas, que hoje nos programas das companhias de televisão ocidentais surgem sob a forma de força demoníaca, monstro bélico, na realidade continuam, tal como anteriormente, a desempenhar um papel profundamente defensivo. Desempenhando somente uma função externa, as Forças Armadas Soviéticas executam-na segundo uma série de directrizes estreitamente ligadas entre si, entre as quais é extremamente importante a garantia de uma segurança sólida do Estado, a criação de condições favoráveis para o trabalho criador do povo soviético. Em tempos de paz, essa tarefa é executada por meio da manutenção de uma constante prontidão militar para repelir qualquer eventual ataque do inimigo, deter quaisquer acções provocatórias por parte das forças militaristas. Isto advém do carácter defensivo da doutrina militar soviética, orientada exclusivamente para a defesa da URSS e dos seus aliados. São estranhas a essa doutrina ideias de «golpes preventivos», de guerras de usurpação, de equilíbrio à beira de um conflito mundial. Na Constituição do Estado Soviético está escrito:

«A URSS aplica invariavelmente a política leninista de paz e pronuncia-se pelo fortalecimento da segurança dos povos e por uma ampla cooperação internacional.

A política externa da URSS é orientada no sentido de assegurar premissas internacionais favoráveis à edificação do

comunismo na URSS, a defesa dos interesses estatais da União Soviética, o fortalecimento das posições do socialismo mundial, o apoio à luta dos povos pela libertação nacional e o progresso social, a prevenção de guerras de agressão, o desarmamento universal e completo, a realização consequente do princípio da coexistência pacífica entre Estados com diferentes regimes sociais.

Na URSS é proibida a propaganda da guerra».

A segunda grande orientação das Forças Armadas Soviéticas é a garantia, em conjunto com os exércitos dos países aliados, da segurança da comunidade socialista. Com esse objectivo, a URSS coopera activamente com os seus aliados no quadro da organização do Tratado de Varsóvia. Essa actividade, como o acentuaram repetidas vezes os seus participantes, não está virada contra outros países. Realmente, *a própria formação do Pacto de Varsóvia em 1955 constituiu um passo forçado, de resposta à criação do Bloco do Atlântico Norte, em 1949.*

Finalmente, as Forças Armadas Soviéticas constituem um potente factor da segurança internacional, um factor de paz e de prevenção de uma nova guerra mundial. No pós-guerra, as forças agressivas desencadearam grande número de guerras e conflitos militares, conduziram reiteradamente o mundo à beira de um grande incêndio bélico; todavia, tendo-se defrontado com a força e a decisão dos Estados socialistas, foram obrigadas a recuar.

As Forças Armadas Soviéticas como instituto político específico, resolvem ao mesmo tempo importantes tarefas de educação, formando elevadas qualidades espirituais e físicas na juventude. Nos anos do serviço militar prossegue o processo geral de educação (iniciado na família, na escola e na produção), o processo de formação da personalidade desenvolvida da sociedade socialista.

Foi já dito muitas vezes que as Forças Armadas Soviéticas não ameaçam ninguém, não estão «apontadas» para a Europa Ocidental, como gostam de afirmar os meios burgueses de informação de massas. Um dos temas preferidos da propaganda ocidental nos últimos anos é a «supremacia» do Exército Soviético em mísseis de médio raio de alcance sobre os exércitos da NATO. Esse «trunfo» foi necessário aos EUA para obrigar os seus parceiros europeus a concordar com o «rearmamento adicional», com a instalação na Europa Ocidental de 572 novos mísseis. Que se passa, na realidade? De que meios balístico-nucleares dispõem a URSS e a NATO na Europa?

O Tratado de Varsóvia e o Bloco do Atlântico Norte dispõem na Europa de uma quantidade aproximadamente igual de portadores de armas nucleares — mil cada um. Mesmo uma organização como o Instituto de Investigações Estratégicas de Londres, que justifica por todos os meios as decisões bélicas da NATO, no seu relatório final de 1980 considera a correlação de portadores de armas nucleares como aproximadamente igual. Os investigadores londrinos são obrigados a reconhecer que *existe algo muito próximo da paridade entre a NATO e o Tratado de Varsóvia no potencial balístico-nuclear na Europa.*

A União Soviética não ocultou dos opositores ocidentais que, ao substituir gradualmente os antigos mísseis por novos, não só não aumentou o total de portadores de armas nucleares de alcance médio, como até diminuiu o seu número. Simultaneamente, diminui também o potencial geral das cargas nucleares dos mísseis soviéticos, enquanto que os meios de alcance médio da NATO transportam, num lançamento, vez e meia mais cargas do que os meios correspondentes da URSS.

Às invencionices acerca da «superioridade dos Sovietes» no campo dos mísseis não estão de acordo sequer com os dados oficiais americanos a esse respeito. Ainda em 1980, o Ministério da Defesa dos EUA afirmava nos seus boletins que na União Soviética as Forças Armadas dispõem de 1398 rampas de lançamento de mísseis balísticos intercontinentais, de 950 dispositivos de lançamento em submarinos, de 156 bombardeiros e de 7000 cargas nucleares para todos esses meios.

Reconhecia-se que os EUA dispõem por sua vez de 1053 rampas de lançamento de mísseis intercontinentais, de 648 dispositivos em submarinos e de mais de 600 bombardeiros estratégicos, contando com 10 000 ogivas nucleares estratégicas. Mesmo um observador inexperiente vê que através destes dados se reconhece praticamente o equilíbrio entre as forças estratégicas dos EUA e da URSS. Hoje em dia, porém, já ninguém se lembra em Washington daquilo que se dizia há muito pouco tempo. Efectivamente, isso não é vantajoso para quem quer dominar o mundo, ditar aos outros a sua vontade!

Assinalemos que o equilíbrio nuclear diz respeito somente a duas potências — a URSS e os EUA; mas a Inglaterra e a França também possuem um potencial nuclear considerável. Tendo isso em conta, como se pode falar de «superioridade dos Sovietes»?! Quais podem ser os motivos para semelhantes afirmações? Não será claro que o potencial nuclear da URSS garante apenas um equilíbrio aproximado com os EUA e apenas isso?!

No Ocidente não querem compreender que só encarando os potenciais nucleares de mísseis das partes em conjunto se pode avaliar correctamente a correlação de forças, a qual é hoje, na Europa (sem «rearmamento adicional» da NATO), aproximadamente igual. Em contrapeso dos mísseis soviéticos no continente europeu, encontram-se os aviões-portadores americanos de armas nucleares (F-III e F-4) instalados em bases aéreas nos países ocidentais; os bombardeiros médios FB-III; os aviões-portadores de armas nucleares a bordo dos porta-aviões americanos (A-6 e A-7) — no total, para cima de 700 unidades. A isso devem acrescentar-se os mísseis balísticos de médio alcance de estacionamento terrestre, os submarinos transportadores de mísseis e a aviação de bombardeamento dos aliados dos EUA — no total, cerca de 300 unidades. Todos estes meios podem transportar armas nucleares numa distância de mil a 4500 quilómetros e, naturalmente, representam uma ameaça directa para a URSS e os seus aliados.

Apesar disso, «nós — como sublinhou Leonid Bréjnev na sua intervenção no XVII Congresso dos sindicatos da URSS — não perdemos a esperança de chegar a um entendimento razoável com base nos princípios da igualdade e da segurança idêntica das partes. Mais — nós por todos os meios contribuímos para tal, tanto pelas nossas palavras como pelos nossos actos».

Aí está, pois, mais uma comprovação do constante cuidado da URSS pelos destinos da paz. Na citada intervenção de Leonid Bréjnev dá-se a conhecer que

a direcção soviética resolveu decretar unilateralmente uma moratória na instalação de armas nucleares de médio raio de alcance na parte europeia do território da URSS. A instalação de tais armas foi congelada tanto no plano quantitativo como qualitativo, suspendendo-se a substituição dos velhos mísseis SS/4 e SS/5 pelos mais recentes SS/20.

Mais — ainda este ano, a União Soviética tenciona reduzir, por iniciativa própria, um certo número dos seus mísseis de médio alcance. A única

coisa que o poderá impedir será um nôvo agravamento da situação internacional.

Não é difícil de prever que a realização da decisão da NATO de instalar nos territórios da RFA, Inglaterra, Itália, Bélgica, Holanda 572 mísseis americanos, de alcance médio, dos quais 464 alados, mudaria de forma significativa a balança de forças. Há que ter em conta que todos esses mísseis são, em relação à União Soviética, armamento estratégico. Deste modo, a NATO obteria na realidade uma vantagem de 1,5 vezes sobre a URSS em meios portadores e de duas vezes no que respeita ao número de cargas nucleares transportadas.

Não foi, portanto, por acaso que na sua intervenção no XVII Congresso dos Sindicatos da URSS Leonid Bréjnev sublinhou: «Se os governos dos EUA e dos seus aliados da NATO, desprezando a aspiração dos povos à paz, realizassem, apesar de tudo, os seus planos de instalar na Europa centenas de novos mísseis americanos, capazes de atingir objectivos no território da URSS, no mundo criar-se-ia uma situação estratégica diferente. Surgiria uma ameaça suplementar real por parte dos Estados Unidos para o nosso país e os seus aliados.

Isto forçar-nos-ia a tomar medidas de resposta que colocassem numa situação análoga a outra parte, incluindo directamente os Estados Unidos, o seu território. Não há que esquecê-lo».

A uma pessoa sem preconceitos é fácil compreender todo o perigo dos novos passos da administração americana. Washington pretende, no fundo, transformar os países da Europa Ocidental em seus reféns. Realmente, o que se passa é que, tentando encher o continente europeu com meios balístico-nucleares, os EUA gostariam de diminuir

(ou mesmo eliminar) o golpe de resposta sobre o seu próprio território, em caso de agressão contra a URSS.

Justificando o «rearmamento adicional» em mísseis, na NATO baseiam-se frequentemente na supremacia do Tratado de Varsóvia em meios convencionais. Mas mesmo os analistas ocidentais confirmam que isso não corresponde à realidade. Assim, o Instituto de Investigações Estratégicas de Londres considera que o Exército Soviético conta agora com 3,6 milhões de homens nas suas fileiras, o que dá um total de efectivos, em conjunto com as tropas dos seus aliados do Tratado de Varsóvia, de cerca de 4,8 milhões. Simultaneamente, os efectivos das Forças Armadas da NATO, segundo os valores do instituto de Londres, é de cerca de 5 milhões de pessoas.

De que «supremacia dos Sovietes» berram desde as margens do Potomac, sobre que «perigo crescente» falam os dirigentes da NATO? Uma coisa é clara: para realizar os seus próprios programas militaristas, a direcção do Bloco do Atlântico Norte necessita de que o nível e volume dos armamentos da URSS pareça «maior» do que o da NATO.

As Forças Armadas Soviéticas estruturam-se e funcionam a partir do princípio da defesa necessária e não da supremacia sobre a NATO. O País dos Sovietes não tem quaisquer intenções agressivas. Toda a história de mais de 60 anos do Estado Soviético é disso testemunho evidente. A URSS e os seus aliados dispõem de tudo o necessário para defender com segurança os seus povos.

«No entanto, gostaríamos de esperar — disse Leonid Bréjnev no XXVI Congresso do PCUS — que aqueles que hoje determinam a política da América acabem por ver as coisas a uma luz mais realista. O equilíbrio militar e estra-

tégico que se formou entre a URSS e os EUA, entre o Tratado de Varsóvia e a NATO contribuirá objectivamente para a manutenção da paz no nosso planeta. Nunca procurámos nem procuramos a superioridade militar sobre a outra parte. Não é essa a nossa política. Mas também não permitiremos que se crie essa superioridade sobre nós».

Infelizmente, a tais advertências, mantêm-se surdos aqueles a quem elas são dirigidas. A corrida aos armamentos não diminui de ritmo. A tensão, no começo dos anos 80, aumentou claramente.

DE ONDE PARTE A VERDADEIRA AMEAÇA À PAZ?

A propaganda militarista, especulando durante muitos anos com o mito da «ameaça militar soviética», conseguiu criar na consciência de muitos cidadãos americanos «saudades» da ex-liderança mundial da América. Se, nos anos 70, os líderes políticos dos Estados Unidos falavam frequentemente de «equilíbrio estratégico», «paridade militar», «inadmissibilidade da guerra nuclear», agora, tanto o tom como as palavras são completamente diferentes.

Como assinalou o professor da Universidade Politécnica da Califórnia Ch. Ackley, o militarismo penetrou toda a estrutura social do Ocidente.

Militarismo — fonte de tensão

O militarismo visa a consecução de objectivos políticos por meios militares. Nas actuais condições, o militarismo caracteriza-se pela sua crescente agressividade. É precisamente essa agressividade que reforça a tensão internacional, agudiza a confrontação entre os dois sistemas, traz a ameaça de novas guerras e conflitos armados.

Na ESFERA ECONÓMICA do militarismo, observa-se a ulterior fusão dos monopólios que fabricam armamento com o aparelho de Estado. O ra-

pace complexo bélico-industrial obtém assim poder ainda maior sobre todos os processos sócio-políticos nos países do capital. O complexo bélico-industrial encerra em si todos os traços do desenvolvimento contraditório do sistema capitalista. Sistema que, como se sabe, viu nos últimos anos a sua economia submetida à profunda instabilidade, brutal inflação. As crises monetárias ininterruptas são originadas em larga medida pelo crescimento incontrolado da militarização da economia, a corrida aos armamentos, o crescimento desequilibrado das estruturas económicas dos Estados capitalistas. *Nos últimos 12 anos, as despesas militares directas dos EUA constituíram cerca de 1500 biliões de dólares!* As consequências são extremamente contraditórias. Por um lado, o militarismo é uma forma cómoda de os monopólios arrecadarem fantásticos superlucros; por outro, esse processo em si mesmo abala inevitavelmente o mecanismo económico do capitalismo, surgindo por vezes intermitências evidentes.

A revista americana «Newsweek» (Junho de 1981) no artigo «Reagan alarga o potencial militar», apresenta cálculos de destacados economistas segundo os quais, em resultado das despesas militares sem precedentes, se acelera o crescimento da inflação no país. Em 1986, o défice federal dos EUA atingirá, no mínimo, 86 biliões de dólares. Entretanto, a inflação, somente em 1981, foi superior a 10%, e o número de desempregados ultrapassou os 9 milhões de pessoas. Os ritmos de crescimento do desemprego são aliás muito semelhantes aos do aumento das despesas militares. Assim, entre 1975 e 1980, a escalada das verbas militares empreendida pelos Estados da NATO — de 150 para 225 biliões de dólares — foi acompanhada do crescimento das «pessoas a mais» nesses países aproximadamente na mesma proporção — de 14 para 21 milhões de pessoas. E quando os EUA activizaram as tentativas de torpedear o desanuviamento, a situação no domínio do emprego começou a piorar ainda de forma mais evidente.

Assim, a submissão cada vez maior da economia dos países capitalistas ao domínio do complexo bélico-industrial não só ameaça a paz, como abala seriamente o próprio mecanismo económico dos Estados capitalistas.

NO CAMPO TÉCNICO-CIENTÍFICO, o militarismo moderno caracteriza-se pela ambição de utilizar ao máximo, na esfera militar, as mais recentes descobertas da ciência e da técnica. O trabalho de muitos milhões de pessoas, êxitos brilhantes do pensamento humano, o talento de cientistas, investigadores e engenheiros são orientados não em prol da Humanidade, mas sim utilizados para fins bárbaros, reaccionários, para as necessidades da guerra. *Assim, nos EUA, por exemplo, as despesas do governo para a investigação científica de carácter militar atingiram em 1980 quase 14 biliões de dólares, ou 48% de todas as despesas federais para o desenvolvimento da ciência. Por isso, as investigações científico-militares desenvolvem-se de forma consideravelmente mais rápida do que as outras esferas. A ciência transforma-se praticamente num dos mais importantes elementos do militarismo, em importante acelerador da corrida aos armamentos.* Isso é possibilitado pelos programas oficiais do Pentágono, que têm por objectivo a criação de novos tipos, ainda mais perigosos, de armas de extermínio massivo. Em relatório ao congresso, C. Weinberger, ministro da defesa americano, diz directamente que o programa proposto no campo da ciência e da técnica constitui um terreno decisivo para alcançar a superioridade tecnológi-

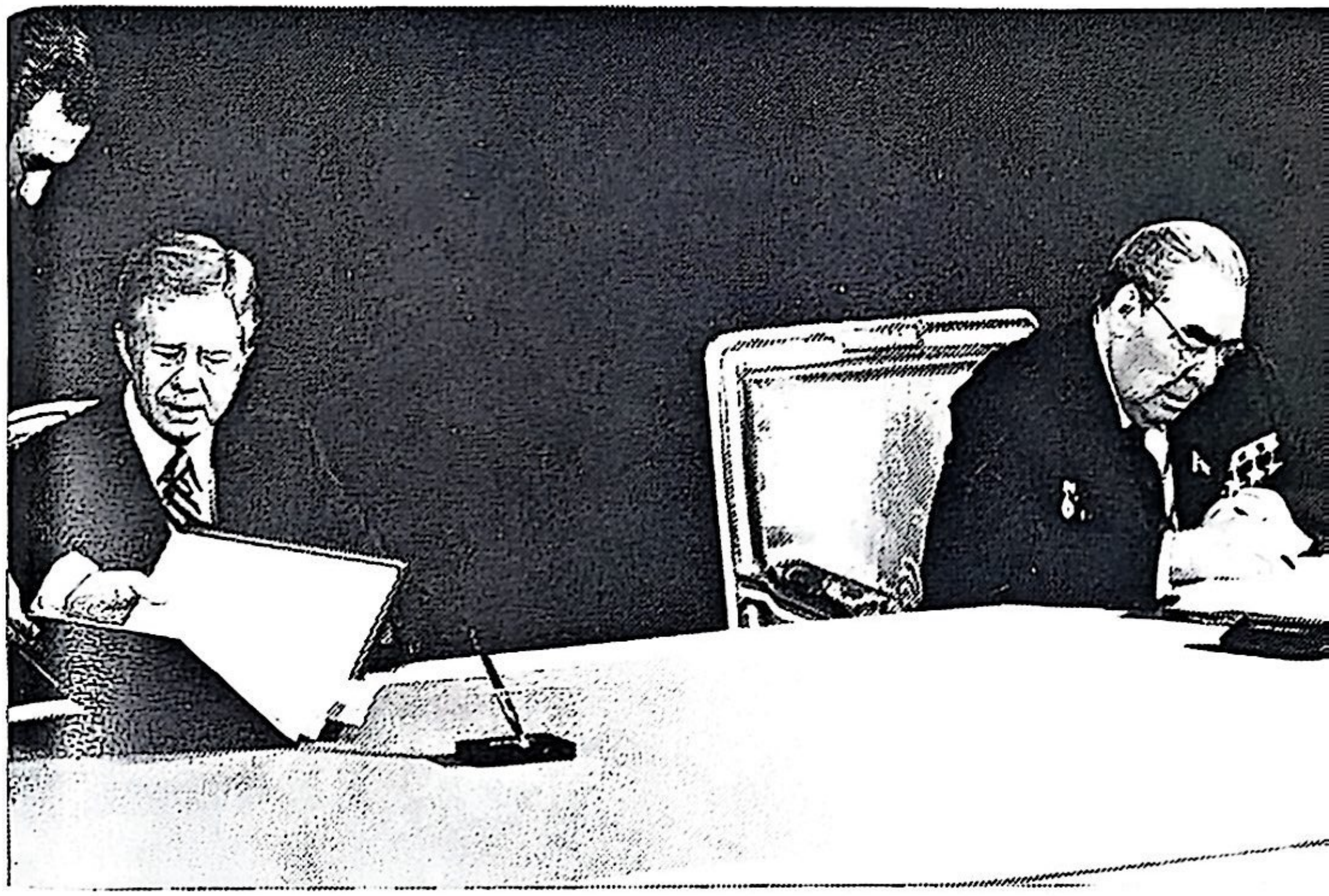
ca dos EUA. Como vemos, os dirigentes políticos e militares dos EUA pensam hoje predominantemente com base nas categorias de «supremacia», «superioridade», «vantagem»...

O militarismo moderno possui alguns traços específicos novos também no campo IDEOLÓGICO-CULTURAL. Pode mesmo falar-se da existência de uma ideologia do militarismo relativamente autónoma — parcela da ideologia burguesa que «fundamenta» teoricamente a corrida aos armamentos. As técnicas dessa «fundamentação» teórica não são muito complexas. *Quando o orçamento militar se encontra a caminho da comissão orçamental — disse um destacado senador americano — as fábulas sobre o ameaçador potencial soviético crescem como as flores na Primavera.* E isso dá o efeito desejado. Basta lembrar apenas alguns factos.

Em meados dos anos 50, a imprensa americana começou a bradar acerca do «atraso dos EUA em bombardeiros». Washington aumentou «rapidamente e em força» o orçamento. Passado pouco tempo, porém, o Pentágono reconhecia que o número de bombardeiros soviéticos havia sido várias vezes exagerado. Deste reconhecimento, todavia, o orçamento militar já nada sofreu.

No começo dos anos 60, nova campanha. Agora, o «leitmotiv» era a «séria superioridade da URSS em mísseis». Apelos histéricos, declarações anti-soviéticas e o mito da «ameaça soviética» deram resultados reais: o orçamento militar dos EUA aumentou radicalmente. Em breve seguiam-se «precisões», segundo as quais o potencial da União Soviética em mísseis fora (uma vez mais...) fortemente exagerado. Mas o que era preciso foi feito — os monopólios já haviam devorado um bolo financeiro de fantásticas dimensões.

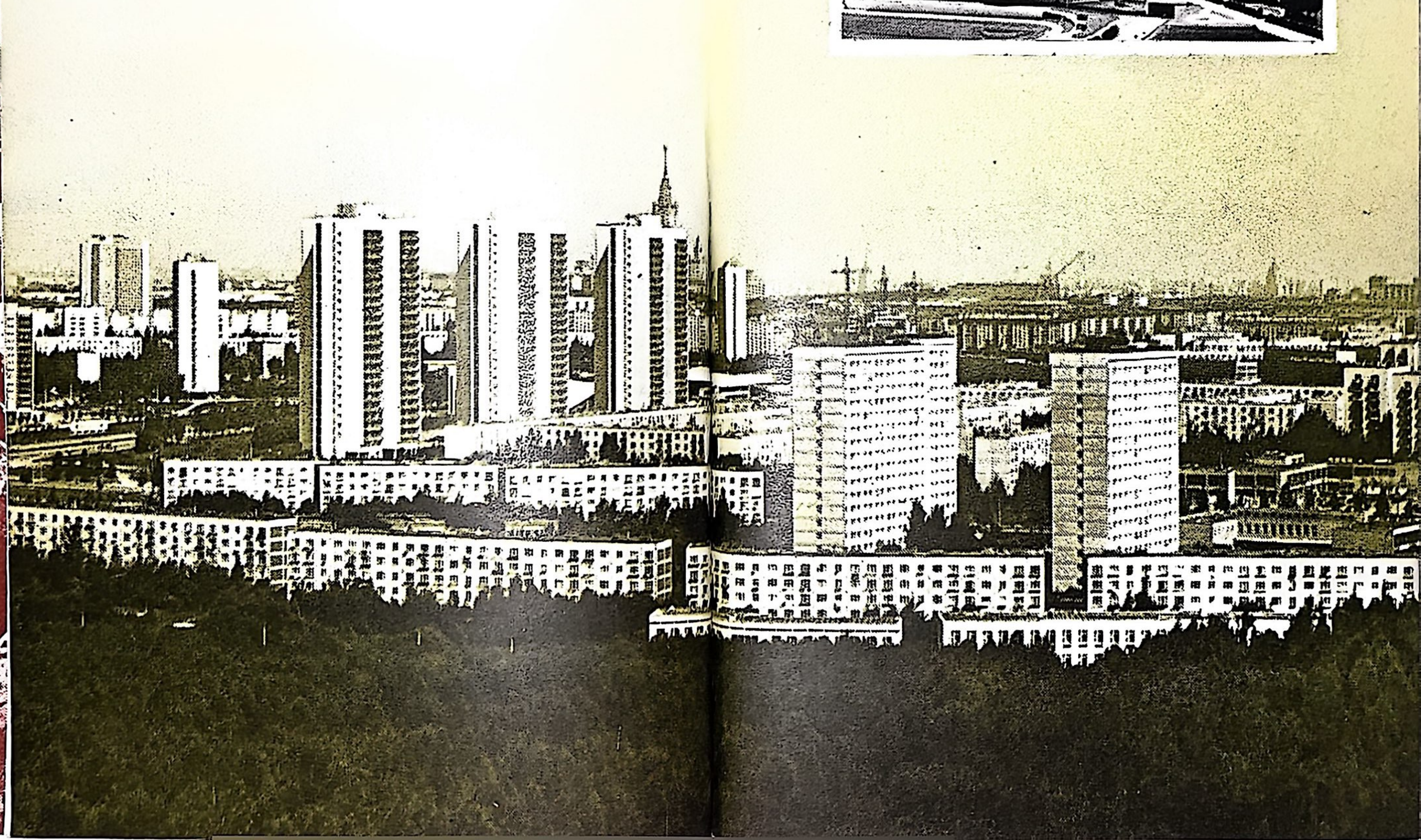
A 18 de Junho de 1979, foi assinado em Viena o Tratado de Limitação dos Armamentos Estratégicos Ofensivos (SALT-2), entre a URSS e os EUA.



A experiência dos anos 70 mostra que se todas as forças progressistas do planeta travarem uma activa luta pela paz, esta pode ser conservada. Fiel à ideia do desanuviamento, a União Soviética assinou o Tratado SALT-2, que seria entretanto praticamente bloqueado pela administração dos EUA. Contudo, as conversações no campo da redução dos armamentos, interrompidas pelo Ocidente, podem e devem ser restabelecidas. A URSS está pronta a travar essas conversações com base na igualdade e segurança recíproca.

O socialismo precisa de paz e não de guerra.

O programa de elevação ulterior do bem-estar do povo, aprovado pelo XXVI Congresso do PCUS, abarca a melhoria de todos os aspectos da vida dos soviéticos. Naturalmente que realizar todos os planos e programas sócio-económicos de desenvolvimento só é possível em condições de paz, e não de preparação para a guerra.



Libertemos a Humanidade do perigo de uma nova guerra!

«Ao esforçarmo-nos por salvaguardar a paz, não trabalhamos só para os homens que vivem presentemente, só para os nossos filhos e netos — assinalou Leonid Bréjnev no XXVI Congresso do PCUS — trabalhamos para a felicidade de dezenas de gerações futuras».

«. . . Sentimentos nobres com a lira eu despertei. . .»

Estas palavras do grande poeta russo do século XIX, Alexandre Puschkin, constituem um símbolo de bondade e humanismo.

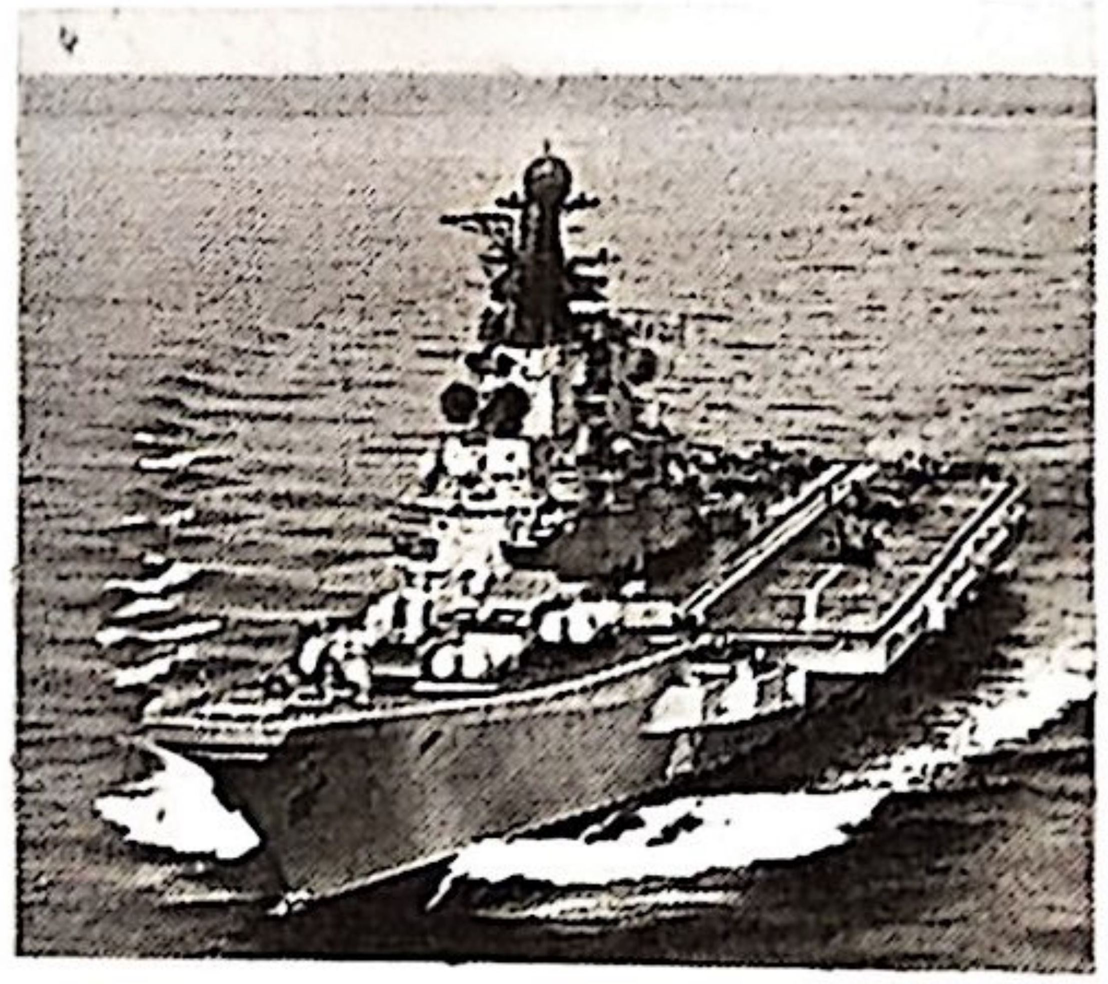
Que haja sempre sol!
Que haja sempre céu!
Que haja sempre a mãe!
Que haja sempre eu!

Esta canção infantil é cantada há já muitos anos não só na União Soviética, mas também em muitos países do mundo.

A URSS não desencadeou uma só guerra que fosse.

Tendo bem presentes as lições da Segunda Guerra Mundial, o povo soviético manifesta sempre alta vigilância em relação a quaisquer manobras dos militaristas, que tentam empurrar o mundo para uma catástrofe nuclear.

O reforço do potencial defensivo da URSS, uma alta vigilância e a permanente prontidão militar das Forças Armadas Soviéticas são especialmente necessários face à visível activização dos preparativos militaristas em curso nos EUA.



A União Soviética nunca ultrapassou os limites do necessário para a sua defesa.

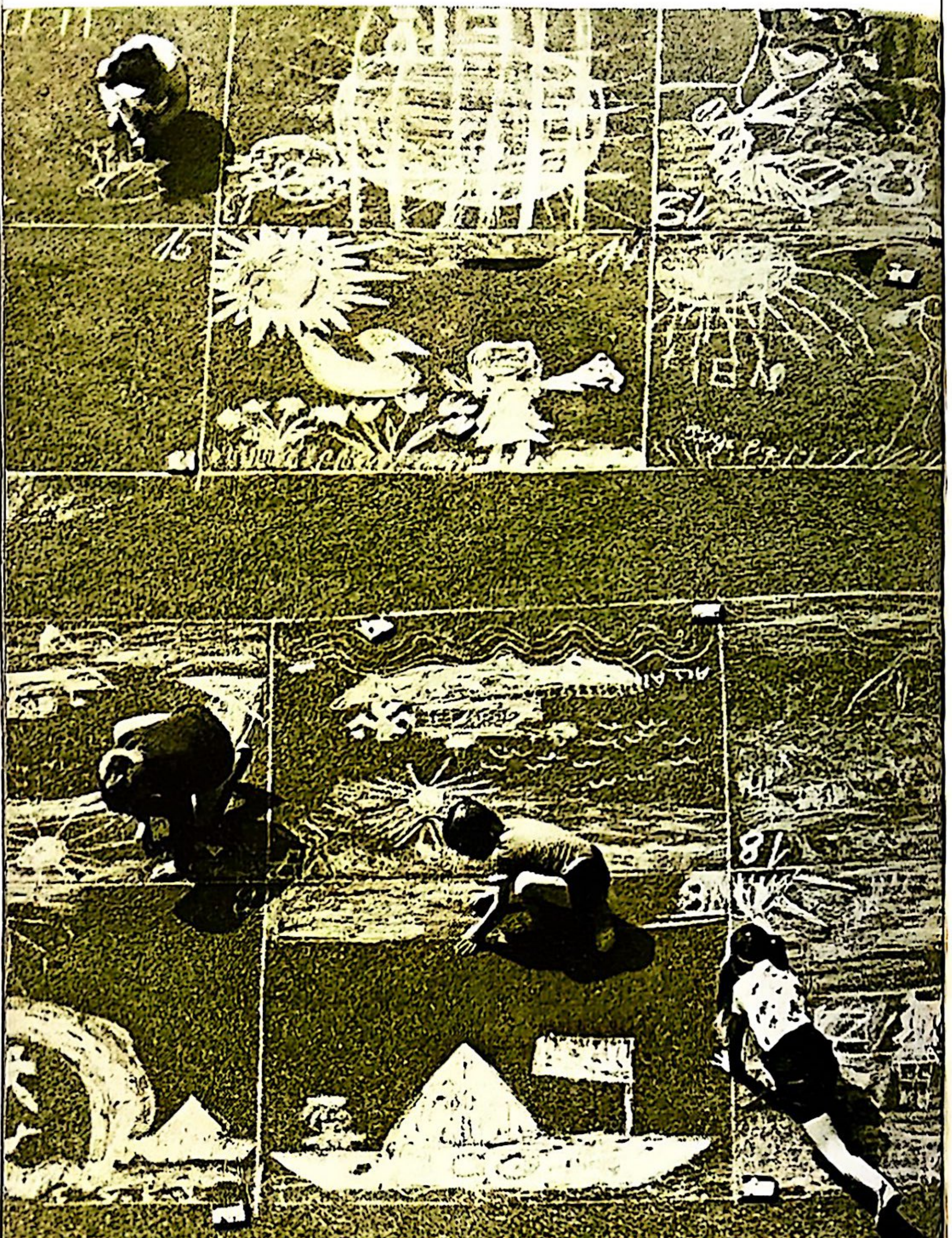
O povo soviético e o seu exército estão unidos.

Os militares das Forças Armadas da URSS são hóspedes frequentes das crianças, nas escolas. São interessantes e atractivos os seus relatos sobre o dia a dia do serviço militar, sobre as gloriosas tradições militares do Exército e da Marinha de Guerra Soviéticos.

Em condições de paz, surge em primeiro plano o heroísmo do trabalho quotidiano.

Os militares do Exército Soviético participam na construção de edifícios de habitação e sociais, de estradas e caminhos-de-ferro. Eles estão sempre prontos a ajudar na colheita e noutros trabalhos do campo. São conhecidos numerosos exemplos da sua ajuda na liquidação das consequências de calamidades naturais.

O Programa de Paz soviético está orientado para que as crianças do nosso planeta nunca venham a conhecer os horrores da guerra.



Agora o quadro é análogo: *amedrontando os países ocidentais com a «supremacia estratégica da União Soviética», a propaganda militarista dos EUA não só empurra a corrida aos armamentos para um novo nível, como cria condições para passos insensatos, um dos quais é a decisão da administração americana inciar a produção em série da bomba de neutrões.*

O militarismo moderno constitui um inspirador constante do anti-sovietismo, as invencionices provocatórias sobre o crescimento da «ameaça vermelha». Para isso, utiliza-se grande número de formas e métodos. Assim, por exemplo, ainda em meados dos anos 70, foi criado nos EUA o «Comité do perigo existente», que assumiu a função de «desmascarar o expansionismo soviético». Os seus membros fazem constantes entrevistas a figuras estatais, sociais e militares conhecidas pela sua hostilidade ao desanuviamento, põem em circulação novos «argumentos» cujo objectivo é «demonstrar» que «a ameaça soviética não é um mito, mas sim uma realidade». Nessa campanha há já muito se incluíram conhecidos «falcões»: o secretário-geral da NATO J. Luns, o ex-representante dos EUA na ONU Ch. Yost, os senadores americanos H. Baker, Gorn e muitos outros. A representatividade, os postos, as patentes destas pessoas fazem com que a sociedade acredite na sua profunda competência. E isso também joga um papel na introdução de falsos estereótipos na consciência das largas massas.

Os trovadores da concepção da «ameaça militar soviética» não podem deixar de saber que na Constituição da URSS, em capítulo especial, está fixada a norma, segundo a qual a política externa da União Soviética é orientada no sentido de

«evitar as guerras agressivas, de obter o desarmamento universal e completo».

A Lei Fundamental do país proíbe a propaganda da guerra. E através dos seus passos concretos, a URSS confirma quotidianamente o seu rumo profundamente pacífico. Só na última década, na ONU e noutros foruns internacionais, o País dos Sovietes introduziu dezenas de propostas concretas e construtivas, voltadas para a solução da tarefa principal da actualidade — a contenção e cessação da corrida aos armamentos. A URSS há já muito tempo que não aumenta as suas despesas militares, confirmando na prática a sua fidelidade à paz.

Pretensões dos EUA à liderança mundial

Parecia que com o fim inglório do Reich hitleriano, a Humanidade não voltaria a deparar com as ideias delirantes de domínio mundial. As lições da guerra passada servem de séria advertência a todos os potenciais agressores. Mas...

Na sua intervenção no congresso da organização chauvinista «Legião Americana», o ministro da defesa dos EUA C. Weinberger afirmou abertamente que os Estados Unidos devem ser de tal forma fortes que desempenhem o papel de líder mundial. Nessa e noutras intervenções de altos funcionários americanos, exprime-se abertamente o credo estratégico dos militaristas: conseguir o enfraquecimento do socialismo real, alcançar supremacia militar unilateral, assumir o papel de supremo juiz do mundo.

No tempo do presidente J. Carter, os estrategas americanos partiam de necessidade de estar preparados para conduzir simultaneamente «uma guerra e meia» (uma grande, por exemplo, na Europa e outra local — na Ásia, na África, etc.). Com a chegada à Casa Branca da nova administração, foi anunciado que as obrigações militares dos EUA seriam mais vastas. *C. Weinberger sublinhou que agora o país deve estar preparado para conduzir ao mesmo tempo «duas guerras e meia». Os Estados Unidos — disse ele no congresso — «terão de conduzir grandes guerras, tanto na Europa como no Golfo Pérsico, e uma guerra pequena em regiões como, por exemplo, o Salvador».*

No fim do primeiro ano de gestão da nova administração americana, a evolução agressiva do pensamento estratégico do Pentágono avançou ainda mais. *«Nós devemos estar preparados para travar uma guerra prolongada, com a utilização de quaisquer meios, à escala global» — afirmou C. Weinberger. Só então, na sua opinião, será garantido o papel dirigente dos EUA no mundo.*

O espectro da liderança mundial não deixa acalmar os políticos de além-oceano. *«Quando nós passarmos a possuir um potencial militar superior — disse o vice-ministro da defesa dos EUA F. Carlucci — os nossos amigos irão cooperar melhor connosco e escutar-nos-ão, e os inimigos não ousarão fazer aquilo que chocar com os nossos interesses».*

A propósito de «interesses vitais» dos EUA. No seu tempo, o presidente J. Monroe proclamou campo dos interesses nacionais americanos todo o hemisfério ocidental. O presidente H. Truman alargou ainda mais os seus limites, nele incluindo a bacia do Mediterrâneo e o Médio Oriente, e a administração Carter incluiu também a Europa Ocidental, os países Escandinavos, a África, o Próximo Oriente, o Sudeste Asiático. E como hoje os «interesses vitais» dos EUA abarcam, no fundo, todo o mundo (como logicamente decorre das afir-

mações dos dirigentes de Washington), então o domínio dos militaristas americanos deve estender-se a todo o planeta. Tal conclusão não decorre simplesmente das múltiplas afirmações de figuras de Estado e militares dos EUA. Ela revigora-se com as suas acções políticas concretas.

O conceito de «liderança mundial», que no Ocidente tentam apresentar como «nova linha estra*tégica, de longo prazo, dos Estados Unidos, é extremamente perigoso para a causa da paz e o progresso social.* Vejamos como se exprime concretamente esse perigo.

EM PRIMEIRO LUGAR, a política de obtenção da superioridade militar sobre a União Soviética não se limita à apresentação de novos conceitos estratégicos, de planos políticos a longo prazo e à correcção das doutrinas agressivas. Essa política encontra materialização nos programas militares, aliás rapidamente realizados.

Pela sua organização, as forças estratégicas ofensivas dos EUA são compostas, como se sabe, pela chamada «tríade»: mísseis balísticos intercontinentais de estacionamento terrestre, submarinos atómicos com armas nucleares a bordo e bombardeiros estratégicos. Todos estes elementos da tríade são intensamente desenvolvidos. Especial atenção é prestada ao alargamento e modernização das forças de mísseis de estacionamento terrestre. O principal elemento desse programa é a criação do novo sistema móvel «MX», que se destina a infligir golpes nucleares a objectivos especialmente importantes. Agora, o que ainda está em dúvida é apenas o número de mísseis a construir — se 200, como primeiro se previa, se mais.

Em Agosto de 1981, em reunião realizada na residência de Verão de R. Reagan em Santa Bárbara, os dirigentes americanos quebraram a cabeça para encontrar resposta às numerosas propostas construtivas da URSS e determinar as vias de acelerar o aumento do potencial nuclear com vista a conseguir vantagens unilaterais. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA foram os primeiros a elaborar cerca de 30 grandes sistemas de armas, realizaram cerca de 600 experiências nucleares (duas vezes mais do que a URSS), gastaram triliões de dólares na criação de um arsenal fantástico de armamento. Pergunta-se — conseguiram assim os EUA reforçar a sua segurança?

São testados novos submarinos, em particular, do sistema «Trident», cada um dos quais é capaz de transportar grande quantidade de mísseis com ogivas múltiplas. Dentro de algum tempo, o Pentágono tenciona ter catorze embarcações desse tipo. Para além desses barcos, figuram também no armamento os submarinos tipo «Polaris» e «Poseidon». Segundo o jornal «The Washington Post», o departamento militar tenciona adaptar alguns navios de linha e, depois de armar cada um deles com várias centenas de mísseis alados, caças de descolagem vertical, enviá-los para diferentes pontos do Oceano mundial.

O Pentágono dá especial significado à construção de mísseis alados. Nos próximos anos, os EUA tencionam construir cerca de 4500 mísseis alados, parte significativa dos quais se planeia instalar na Europa Ocidental. E tudo isto é simplesmente uma parcela do colossal programa de corrida aos armamentos em que se lançaram os militaristas americanos.

Mesmo uma breve enumeração de certos elementos do programa militar americano mostra-nos claramente o seu carácter agressivo. Esse programa encerra de facto a possibilidade de desencadeamento de uma guerra nuclear. Tais são as conse-

quências da política de obtenção da liderança mundial, que hoje seguem os círculos dirigentes dos EUA.

EM SEGUNDO LUGAR, a esperança dos círculos da NATO de obterem vantagens militares unilaterais não só ameaça o equilíbrio estratégico que se formou, como cria nas relações internacionais uma atmosfera de tensão, apagando o significado dos acordos anteriores.

Toda a história do Estado Soviético está ligada à luta contra o perigo de guerra. Logo no segundo dia da Revolução Socialista de 1917, foi aprovado o Decreto da Paz, anunciando a todos os homens do planeta que a partir daquele momento havia um país dos trabalhadores que tudo faria para reforçar a paz na Terra. E hoje, todas as medidas militares da URSS limitam-se àquilo que é estritamente suficiente. Contudo, os chefes da NATO não se satisfazem com o equilíbrio, por todos reconhecido, das capacidades bélicas estratégicas dos dois sistemas; eles gostariam de conduzir a sua política a partir de posições de força.

EM TERCEIRO LUGAR, a activização das Forças Armadas propriamente ditas aumenta as probabilidades de surgimento de uma guerra. Nos últimos tempos, os Estados Unidos aumentaram o número de grandes exercícios com carácter abertamente provocatório. São especialmente perigosos os exercícios das forças estratégicas. Assim, as manobras «Global Shield-81» abarcaram o território dos EUA, Canadá, toda a Europa Ocidental, o Oceano Pacífico e o Oceano Índico, a Austrália e a Oceânia. Nesses exercícios, tomaram parte todos os elementos da tríade estratégica (os mísseis balísticos intercontinentais, os submarinos atómicos portadores de mísseis e a aviação estratégica), assim como a aviação militar de transporte, um corpo de fuzileiros navais, a guarda nacional e outros componentes do potencial bélico americano.

Aliás, não só o arsenal estratégico de guerra nuclear, que se encontra directamente instalado no território dos EUA, representa enorme perigo para a causa da paz. Representam uma ameaça mortal também as múltiplas bases militares americanas espalhadas por todo o mundo. Mais de meio milhão de soldados americanos estacionados em dezenas de países constituem uma força de guerra, expansão e agressão. Segundo a imprensa mundial, os EUA mantêm permanentemente no estrangeiro (fundamentalmente na Europa Ocidental), 12 mil unidades de armamento nuclear. Para além disso, os barcos da Marinha de guerra americana transportam milhares de cargas nucleares. Os EUA já hoje «provam» as possibilidades das «forças de reacção rápida» — corpo «gendarme» que se destina a servir de bastão da política americana em diferentes regiões do mundo.

O perigo da política de obtenção da superioridade militar é evidente. Mas a administração de Washington não tenciona modificá-la; pelo contrário, intensifica essa política. A decisão do presidente Reagan de produzir em série as armas de neutrões — é mais uma prova de que os Estados Unidos encetaram o caminho de preparação para a guerra.

Sacerdotes do genocídio neutrónico

Como se sabe, os EUA já iniciaram a produção em série da bomba de neutrões. Por ora, os contentores com munições de neutrões são armazenados nos EUA, mas amanhã poderão eles eventualmente ser transferidos para o continente europeu, densamente povoado.

A decisão de produzir a bomba de neutrões foi aprovada pela administração americana em 6 de Agosto de 1981, no dia do 36° aniversário do bombardeamento atómico de Hiroxima. O cinismo e a irresponsabilidade política desse passo militarista, tinham, claro está, de se tapar com a folha de parra da velha lenda sobre a «ameaça militar soviética». Para neutralizar a tempestade de cólera e indignação de largas massas, na Europa e no resto do mundo, os iniciadores da escalada nuclear tentam, com demagogia e camuflagem ideológica, justificar essa acção. Quais os «argumentos» dos apologistas da bomba de neutrões? Que objectivos perseguem os «falcões» americanos, enchendo os seus arsenais com novas armas extremamente perigosas?

O PRIMEIRO ARGUMENTO dos sacerdotes da guerra nuclear consiste na afirmação de que a bomba de neutrões seria uma «arma com fins defensivos». Sobre isso falam constantemente o presidente R. Reagan, o ministro da defesa dos EUA C. Weinberger e outros líderes políticos e militares americanos. Na imprensa americana surgiram muitos artigos, onde «se demonstra» o carácter defensivo do novo meio de extermínio em massa.

Nas livrarias de alguns países do Ocidente surgiu em 1981 um livreco do «pai» da nova arma, o americano Sammuel Cohen e do seu «correligionário» francês Marc Genest, intitulado «A bomba de neutrões — barreira à guerra». Nessa «obra», os advogados da morte neutrónica idealizam cenários de uma possível guerra em que «o Ocidente terá de empregar algumas centenas de unidades de arma de neutrões contra as tropas blindadas do inimigo, de forma a pôr fim a uma agressão». Todos os juízos semelhantes destinam-se a justificar o novo meio bárbaro, forçar a comunidade mundial a reconhecer a sua «legalidade», o seu «carácter forçado», etc. Como base dos apologistas da arma de neutrões, figura, como não podia deixar de ser, o velho mito da «ameaça militar soviética».

Os especialistas militares ocidentais não escondem, contudo, que a arma de neutrões pode ser largamente utilizada também em operações ofensivas. Com efeito, ela pode servir para apetrechar não só munições de artilharia de calibre 203,2 mm, mas também mísseis de qualquer raio de alcance, bombas de aviação e mísseis alados. Em caso de ataque inesperado do Ocidente ao inimigo (e tal variante é prevista pelas concepções estratégicas americanas), a arma de neutrões pode ser usada tanto contra tropas como contra a população civil na faixa da subsequente ofensiva das tropas da NATO.

Isso aliás é muito bem compreendido por muitos líderes políticos no Ocidente. O deputado do Bundestag da RFA Egon Bahr, por exemplo, em entrevista concedida ao semanário «Die Zeit», afirmou que «no emprego da arma de neutrões estará interessado um agressor que tente limpar... de defensores um território do qual se queira apoderar». Deste modo, «a arma de neutrões apresenta também grande interesse como arma ofensiva».

O SEGUNDO ARGUMENTO dos sacerdotes das armas de neutrões consiste em que, segundo dizem, elas constituem «o único meio de defesa da Europa». Por outras palavras, a bomba de neutrões por pouco não seria um meio messiânico para os europeus ocidentais. Essa arma, afirma C. Weinberger, é um importante elemento de garantia da segurança da Europa Ocidental perante a «ameaça soviética».

É difícil encontrar exemplos de maior cinismo do que semelhantes juízos. Os estrategas do Pentá-

gono tencionam utilizar a sua «novidade» bélica, com certeza, não para rechaçar ataques de tanques com a estrela vermelha, em East River, Nova Iorque ou nas margens do Potomac, junto às paredes do Pentágono. A bomba foi especialmente construída e criada para as zonas densamente povoadas da Europa, onde a sua utilização se transformaria num genocídio neutrónico devastador da população civil. Os políticos de além-oceano tentam acalmar os povos dos países europeus aliados, dizendo que sem consultas prévias a arma de neutrões não será instalada nos seus territórios. Contudo, isso é apenas mais um truque político. Não se deve esquecer que *ainda em 1952, os EUA impingiram à RFA um acordo, segundo o qual Washington tem o direito de instalar, sem controlo, nas suas bases militares quaisquer armamentos. O assessor de C. Weinberger para as forças nucleares R. Perle, afirmou abertamente que «as Forças Armadas americanas não têm necessidade de pedir autorização para instalar novas armas»*.

No fundo, as «boas acções» de Washington «em defesa» dos seus parceiros constituem, bem pelo contrário, uma ameaça real à própria existência física da população europeia. A camarilha militarista dos EUA tenciona, com efeito, instalar na Europa 17 mil «ogivas nucleares limpas». Se tivermos em conta que já em 1981 se encontravam na Europa Ocidental 7 mil ogivas nucleares americanas, não é difícil imaginar *quanto é perigosa a concentração ulterior de armamento, antes de mais, para a população civil dos países do Ocidente, que se transformam assim por vontade dos dirigentes de além-oceano em verdadeiros reféns em caso de guerra.*

O TERCEIRO ARGUMENTO dos apologistas da bomba de neutrões consiste em afirmar que ela

é «profundamente humana». Ora, como se sabe, o armamento de alta radiação aniquila antes de mais as pessoas, conservando relativamente imunes os edifícios — habitações e empresas industriais. Este facto é apresentado pelos sacerdotes da guerra nuclear quase como o cume do humanismo!

Que critérios de valores utilizam aqueles que em nada têm em conta a vida humana? Com efeito, para que servirão as fábricas, casas, meios de comunicação se não existir o homem? Como podem pessoas no seu perfeito juízo afirmar que um genocídio devastador constitui um princípio humanista moderno?!!

Os mais destacados médicos do mundo há já muito que investigam as particularidades da influência das radiações sobre o organismo humano. E as conclusões a que chegaram estão longe de ser confortadoras. Eis, por exemplo, a opinião da médica inglesa, doutora em Medicina Ida Fisher:

A experiência de Hiroxima e Nagasáqui testemunha que não existem métodos radicais de liquidar as consequências de um bombardeamento atómico, nem sequer meios minimamente eficazes. Agora passa-se aproximadamente aquilo que se passava na Idade Média, quando surgiam periodicamente focos de peste, à qual os homens nada podiam opor para além dos exorcismos e bruxarias. Por isso, quando se aborda a questão de saber se existem ou não meios eficazes, do ponto de vista médico, para defesa da catástrofe nuclear, os médicos falam disso com desespero e pessimismo. Não há também qualquer base para considerar que no futuro surgirão possibilidades de tratamento, e muito menos de cura total das pessoas vítimas de forte radiação. Elas ou morrem, ou ficarão estropiadas, e os seus genes afectados transmitir-se-ão às gerações seguintes.

Como se sabe, as anomalias genéticas são resultado da radiação atómica, e nós temos cada vez mais provas de que mesmo uma dose mínima de tal radiação obriga a abortar, conduz a alterações patológicas no desenvolvimento do feto, ao nascimento de nados-mortos. Cresce verticalmente a per-

centagem de leucemias e diferentes tipos de tumores malignos.

Não existem, do meu ponto de vista, apesar de eu não ser especialista nesse campo, quaisquer medidas eficazes de defesa civil em caso de conflito nuclear. Uma vez que a guerra nuclear num determinado grau é comparável a uma doença altamente contagiosa, pandémica, que se propaga através do ar, eu simplesmente não vejo por que meio a defesa civil, da forma como nós a entendemos, pode ajudar. A única coisa que parece que poderia fazer o serviço da defesa civil seria «tapar» na terra a população vítima de um bombardeamento atómico e mantê-la lá enquanto o ar e o solo não se «limpassem» suficientemente das radiações. Isto pressupõe a construção de abrigos, a criação das necessárias reservas de alimentos e água. Todavia, mesmo neste caso, os abrigos situados até a uma distância de 10 milhas do centro de explosão de um engenho nuclear de uma megatonelada, transformar-se-ão, para os seus habitantes, em gigantescos fornos.

Quando se pergunta se pode ou não, numa guerra nuclear, haver vencedor, é oportuno responder com outra questão: quem se deve considerar vencedor? Ter-se-á em vista o país com maior número de sobreviventes? A verdade é que, em caso de conflito nuclear mundial, a população de ambas as partes sofrerá de tal forma das radiações e das doenças a elas ligadas, prenhes de consequências genéticas, que a própria palavra «vencedor» parecerá simplesmente uma grosseira ironia.

A bomba de neutrões, tal como a bomba atómica, constitui um meio de extermínio massivo. A principal acção destruidora da arma de neutrões está também ligada com a radiação, a qual origina nas pessoas radiolesões e a morte. Eis a opinião do médico soviético, presidente do comité «Os médicos pela prevenção da guerra nuclear», académico Evgéni Tchazov:

Mesmo a uma distância de 1200 metros do epicentro da explosão de uma bomba de neutrões com uma potência de uma quilotonelada, o que corresponde a uma zona de destruição de 4,5 quilómetros quadrados, formar-se-á um campo de radiação absolutamente mortal, e numa superfície de 15 quilómetros quadrados as pessoas sofrerão doses de radiação que, se não conduzem de imediato ao desenvolvimento de graves radiolesões, originam com grande probabilidade o desenvolvimento, no futuro, de consequências radioactivas sob a forma de neoplasias malignas e de perturbações genéticas nos seus descendentes. É evidente que em face da grande densidade populacional de uma série de países e da proximidade dos pontos populacionais, a «invulnerabilidade» da população civil, quando da utilização da arma de neutrões, constitui um mito destinado aos mal informados.

Os «argumentos» a que recorrem os actuais sacerdotes da guerra são, do ponto de vista político, totalmente inconsistentes e profundamente perigosos para a causa da paz. A arma de neutrões baixa o chamado limiar nuclear, diminui os obstáculos no caminho do surgimento da catástrofe nuclear. A própria decisão de produzir em série a arma de neutrões tem carácter provocatório, pois impele a parte opositora a acções de resposta. Desta forma, o veículo da corrida aos armamentos recebe uma aceleração suplementar. Em vez da «segurança» prometida aos países da Europa Ocidental, a ameaça de guerra com todas as consequências daí decorrentes cresce significativamente.

Os políticos e estrategas militares de Washington, tentando acalmar os seus parceiros europeus, afirmam que o novo passo no sentido do alargamento dos meios de extermínio em massa tornará a União Soviética mais «conciliadora» e «transigente» nas possíveis futuras conversações sobre limitação dos armamentos estratégicos ofensivos. Este argumento é mesmo um dos principais na famosa política de posições de força.

«A União Soviética é decididamente contra a criação da bomba de neutrões... — afirmou Leonid Bréjnev ainda em Dezembro de 1977. — Mas se essa bomba for criada no Ocidente — criada contra nós... seremos colocados perante a necessidade de dar resposta a esse desafio, com vista a garantir a segurança do povo soviético, dos seus aliados e amigos».

A URSS está em condições de produzir a arma de neutrões, assim como qualquer outra. Mas se-

guindo o seu rumo de paz, ela apresentou, ainda em 1978, juntamente com outros países socialistas, à comunidade internacional um projecto de convenção visando proibir a produção, acumulação, difusão e utilização da arma de neutrões. Contudo, esse projecto imbuído de preocupação pela conservação da paz, foi, no fundo, bloqueado pela administração dos EUA. Muito embora deva ser claro para todos, que *se hoje, com esforços conjuntos, não for detida a escalada da corrida aos armamentos nucleares, incluindo as armas de neutrões, então amanhã isso será ainda mais difícil de fazer.*

* * *

Como afirmam os historiadores, nos últimos cinco mil e quinhentos anos, a Humanidade sofreu mais de 14 mil guerras, nas quais tombaram para cima de 4 biliões de pessoas, ou seja, aproximadamente a população de hoje do planeta! O século XX não constituiu uma excepção. As duas guerras mundiais do presente século, uma multitude de conflitos armados em diferentes pontos do globo ceifaram milhões de vidas, destruíram riquezas culturais e materiais cujo valor se calcula em números astronómicos.

Nos anos 70, surgiram novas condições para a conservação da paz na Terra. A política externa pacífica da União Soviética e dos outros países socialistas conduziu a uma viragem da «guerra fria» para o desanuviamento. *E a experiência dos anos 70 mostra que, sob a condição de uma luta activa de todas as forças progressistas do planeta, a paz pode ser conservada.*

Repelindo, como totalmente inconsistentes, as pretensões dos EUA e seus aliados de alcançar a supremacia estratégica, a União Soviética, tal como antes, mantém-se fiel à ideia do desanuviamento. A URSS tenta resolver todos os problemas litigiosos e complexos por meio de conversações e não pela força. Montanhas de armamentos constituem um solo movediço para a conservação de uma paz sólida na Terra.

Por isso, a URSS convida o governo dos Estados Unidos a não erguer obstáculos artificiais às conversações SALT e a assumir o compromisso mútuo — até ao seu reatamento e feliz conclusão — de não abrir um novo canal na corrida aos armamentos, de não instalar mísseis de cruzeiro de grande raio de alcance, seja no mar seja em terra. Além disso, a URSS está pronta a chegar a acordo no sentido da mútua redução da actividade das esquadras de guerra dos dois países. Seria possível, por exemplo, chegar ao entendimento de retirar os submarinos portadores de armas nucleares das amplas regiões de patrulhamento que hoje percorrem, limitando a sua deslocação a fronteiras definidas de comum acordo. A União Soviética está igualmente pronta a analisar a questão de alargar a zona de aplicação das medidas de confiança aos mares e oceanos, em particular às zonas em que se cruzam as vias marítimas mais intensas.

Em 1982, a URSS assumiu unilateralmente a obrigação de não utilizar em primeiro lugar a arma nuclear.

«Salvaguardar a paz: não há de momento tarefa mais importante no plano internacional para o nosso Partido, para o nosso Povo, assim como para todos os povos do planeta — frisou Leonid Bréjnev no XXVI Congresso do PCUS. — ... Não a preparação para a guerra, que condena os povos a uma dilapidação insensata das suas riquezas materiais e espirituais, mas sim a consolidação da paz constitui o nosso fio condutor rumo ao futuro.»

Esta política não tem alternativa razoável.

ÍNDICE

A QUEM APROVEITA A LENDA DA «AMEAÇA MILITAR SOVIÉTICA»? 6
«Argumentos» de uma velha lenda 6
Que nos ensinam as lições da História 10
Como se fabricam os mitos anti-soviéticos? 14
PORQUE PRECISA O SOCIALISMO DE PAZ E NÃO DE GUERRA? 21
O socialismo e a paz são inseparáveis 21
Porque são as despesas militares da URSS inferiores às dos EUA? 28
Papel defensivo das Forças Armadas Soviéticas 35
DE ONDE PARTE A VERDADEIRA AMEAÇA À PAZ? 45
Militarismo — fonte de tensão 45
Pretensões dos EUA à liderança mundial 50
Sacerdotes do genocídio neutrónico 55